

CAMPEÃO

das províncias



Maria de Lurdes Breu contra a lei das quotas



«As mulheres são parte fundamental do desenvolvimento e equilíbrio do país»

Páginas 2 e 3

Linhas S.O.S.

A dor com amor se apaga

Ao contrário do que se podia pensar, as linhas S.O.S. recebem muitos telefonemas. Pessoas com problemas sérios, crises emocionais, doentes, grávidas com dificuldades, adolescentes a necessitarem de informações de vários tipos, mães preocupadas ou elementos da comunidade que pretendem denunciar determinados tipos de situações, pessoas preocupadas com a problemática da Sida, etc., são os motivos que podem explicar a existência e a utilidade destas linhas. Mas também servem, para aqueles que sentem sozinhos, encontram na voz de quem atende o telefone o conforto de que necessitam, uma palavra amiga ou, simplesmente, alguém disponível para o ouvir. E também servem para alguns se divertirem às custas dos problemas e dos sofrimentos alheios.

Páginas 12 e 13



Maternidade "central" em Santa Maria da Feira

A procura da maternidade do recém-inaugurado Hospital de Santa Maria da Feira está a superar as expectativas. No S. Sebastião, nasceram, desde o passado dia 11, 36 bebés. Preparada para prestar assistência a todas as mulheres grávidas do distrito de Aveiro, a maternidade do Hospital da Feira poderá atingir, em breve, uma média de 4 mil partos por ano. A crescente afluência àquels serviços pode mesmo provocar o que tanto se temia: o encerramento da maternidade do Hospital de Ovar. Uma possibilidade que, garante o director do S. Sebastião, «o conselho de administração do Hospital de Ovar vê com agrado».

Página 9

Arquivado o processo a João Rocha

Página 9

Emigrante aveirense assassinado na Venezuela

Página 4

CTA contra a Câmara de Aveiro

Página 20

Mário de Lurdes Breu

«A sensibilidade das mulheres poderá mudar muita coisa»

Durante 17 anos, o seu nome quase se confundiu com o de Estarreja. Maria de Lurdes Breu assumiu o cargo de presidente de Câmara numa altura complicada, dois anos após o 25 de Abril; em 1993, não se recandidatou, porque «15 anos na mesma função já é mais do que a conta».

Acreditou no desenvolvimento do concelho de Estarreja e defende uma área metropolitana da Ria de Aveiro. Lurdes Breu, a desempenhar funções na Alta Autoridade para a Comunicação Social, lamenta que, no distrito de Aveiro, as mulheres não assumam maior protagonismo. Apesar disso, não aplaude a proposta de lei do Governo, que pretende introduzir as quotas por sexo no sistema eleitoral português: «As mulheres são a quota fundamental do desenvolvimento e do equilíbrio social deste país».

Paula Ventura

Campeão das Províncias (CP) – Como foi a transição da Câmara de Estarreja para a Alta Autoridade para a Comunicação Social? Está



«É preciso fazer uma lei para que se cumpra um princípio que, ao que parece, todos aceitam, à partida»

a gostar da experiência?

Maria de Lurdes Breu (MLB) – Inicialmente, foi complicado para mim, porque vinha de uma área completamente diferente. A relação que mantinha com a comunicação social era totalmente diferente da que mantenho hoje. Parti para uma relação de boa fé e de entendimento; continuei a ter com a comunicação social, e da comunicação social, a melhor das impressões; considero que são, realmente, agentes importantíssimos. Já o considerava na qualidade de autarca, e considero-o hoje, como membro da Alta Autoridade. Existe ainda um número razoável de pessoas que desconhecem as funções deste órgão e, por vezes, passa a ideia de que a Alta Autoridade existe para "tomar conta" da comunicação social, o que não é verdade. Os jornais têm de ter uma boa relação com os seus leitores, porque eles existem por causa dos leitores, e se estes sentirem que há uma ligação que regula esta relação, há uma maior tranquilidade.

CP – O que pensa do jornalismo que se faz, atualmente, em Portugal?

MLB – Como em toda

a parte, há coisas más e boas: o delo está sempre em risco para a comunicação social, porque esta ocupa um espaço muito importante no palco da nossa comunidade. Mas acho que, muitas vezes, se faz da comunicação social o "bode expiatório". Assim como em qualquer outro sector, existem bons e maus profissionais, tal como acontece, por exemplo, na medicina, no direito e até na Igreja... Eu tinha, e tenho, ainda hoje, a sensação que esta é uma área muito importante neste virar de século em que as coisas vão acontecer a uma velocidade ainda maior do que até aqui; a comunicação social funciona como um "despertador": para que os menos atentos se apercebam do que se passa à sua volta. Nós somos um povo ligeiramente distraído, acomodado... Ainda bem que a comunicação social está alertada para despertar as consciências e estabelecer uma relação activa.

Saudades da Câmara

CP – Tem saudades da Câmara Municipal?

MLB – Na verdade, tenho. Foi uma coisa que gos-

tei muito de fazer. Eu saí de uma sala de aulas e fui para o poder local, um pouco "empurrada"; fui convidada em cima da hora, vivi aquela emoção da surpresa, o choque de enfrentar uma situação nova, de tal maneira que nem tive tempo para pensar. Depois, percorri um longo caminho: aprendi tudo, caminhar ao lado de muita gente, identificar-me com muitas coisas boas e más... Vivi 17 anos totalmente dedicada a uma actividade aborcente, com verdadeira paixão – porque só assim se fazem as coisas. Procurei sair de bem com as pessoas.

CP – Porque é que saiu?

MLB – Sai quando entendi que devia sair, porque acho que tudo o que vai para além dos 15 anos numa determinada função é já mais do que a conta; 15 anos é um período suficiente para se mostrar se se é, ou não, capaz de fazer alguma coisa; para além disso, é uma insistência que não é construtiva, começa a faltar criatividade, criase habituando às coisas e às pessoas, por isso, não surge nada de novo nem de excepcionalmente picante... Entendi que estava na altura

de me retirar e ir.

CP – O seu sucesso na Câmara de Estarreja disse, muitas vezes, que recebeu do seu executivo uma herança pesada, nomeadamente, em termos de dívidas...

MLB – O actual presidente da Câmara de Estarreja esteve comigo o executivo, como vereador, como membro da Assembleia Municipal, durante muitos anos, e assistiu ao desenrolar de todas as práticas, nomeadamente, nas áreas financeiras, em que teve de colaborar, de votar... Que eu saiba, nunca houve, da parte dele, uma manifestação expressa de desacordo. De qualquer maneira, essa atitude funciona como um alibi; é a habitual postura de quem começa: eu, agora, vou fazer tudo, o que está para trás é tudo mau, nomeadamente, a situação financeira.

Mas garanto-lhe que as coisas não estavam assim tão más como se pintaram; se assim fosse, o actual presidente não teria conseguido acabar com as obras que estavam em curso – que foi o que ele fez – e, depois, voltaria a endividar-se. Os grandes empenhos realizados, de imediato, não seriam

possíveis, se não existisse capacidade de endividamento. Aquilo foi, antes de mais, uma alegria de campanha, e depois, aquela partida que se pretende folclórica, para encobrir algumas outras deficiências. Mas não lhe levo a mal, porque é prática corrente, embora não seja o meu estilo.

Área Metropolitana da Ria de Aveiro

CP – Tem com certeza acompanhado o desenvolvimento do concelho nos últimos anos. O que pensa, está, ou não, no bom caminho?

MLB – Muitas das coisas que se fizeram com alguma visibilidade já vinham de trás. Devo, por isso, congratular-me e também saudar o actual autarca que teve respeito pela obra iniciada anteriormente; ele teve o bom senso de continuar com os projectos, dar-lhe seguimento e desen-volvê-los. Ainda bem para Estarreja. Eu acredito no desenvolvimento do concelho; é inevitável, porque Estarreja tem uma gente muito determinada apesar dos poucos recursos de que dispõe. Esta terra foi, como se sabe, um pólo de desenvolvimento industrial, mas isso já lá vai, teve a sua época, já passaram 50 anos dos quais não resultou nada de positivo para o concelho, nem em verbas, nem em qualidade de vida. Todas estas facturas pagam-se agora. Por isso, é preciso partir para novas indústrias, é preciso reconverter, sobretudo, a mentalidade. As pessoas estavam habituadas a que as fábricas do pai seriam também as fábricas dos filhos e que os netos haveriam de ter lá um lugar reservado. Esta trilogia desmoronou-se completamente. Na última década, mudou-se o ritmo de uma terra que andou 50 anos a ser sacrificada por um tipo

de indústria com características muito especiais. Paecendo que não, Estarreja tem muitas potencialidades, até porque está muito perto de Aveiro. Eu acredito que Aveiro é um pólo de desenvolvimento, não só para a cidade ou para o concelho, mas para toda uma área. A ria exerce um fascínio e um poder de desenvolvimento que abrange todas as populações que a bordejam. Sempre defendi a ideia de uma área metropolitana de Aveiro, já disse ao dr. Carlos Candal que partilho da sua ideia, embora, para mim, a designação correcta fosse a de Área Metropolitana da Ria de Aveiro, porque a ria é mais forte do que as fronteiras dos municípios, a ria é mais forte do que qualquer individualismo municipal, a ria é um factor de união entre todos, até porque, embora os separe, faz-lo de uma forma romântica... Essa é, quanto a mim, a grande aposta de futuro e os municípios terão de estar atentos a essa realidade, suportando os projectos de futuro com base na ria.

CP - Esse será, então, na sua opinião, o caminho certo?

MLB - Sim, sem dúvidas. A ria uniu os municípios há muitos anos atrás... Era através da ria que se transportavam os materiais de construção; a ria foi, nessa altura, factor de desenvolvimento e vai sê-lo, no futuro, noutra contexto de desenvolvimento.

CP - Voltando a Estarreja; o que pensa da forma como foi conduzido o processo relativamente à instalação da incineradora (que não se chegou a concretizar), e agora, da criação de transferência, no concelho?

MLB - Relativamente à incineradora, penso que Estarreja ficou a ganhar. Eu sou das pessoas que entendem que os nossos lixos têm de ser tratados no nosso território, e o nosso território é muito pequeno. A questão é: onde? Essa é uma questão difícil e eu, garantidamente, não queria estar no papel da ministra, porque ela está a viver o tipo de problema que eu tive de enfrentar nos primeiros desta questão. Eu acompanhei o plano natural de tratamento de resíduos industriais, e digo industriais porque tenho alguns dúvidas relativamente ao termo "lú-

xicos"; tóxicos são todos os resíduos, uns mais, outros menos (mas essa é outra questão)... As pessoas têm, normalmente, a ideia errada de que, por exemplo, os resíduos domésticos não fazem mal a ninguém; mas os outros, que eles nem sabem muito bem quais são, esses é que fazem mal e até matam gente... Por isso, eu compreendo que a ministra tenha um problema difícil para resolver; realmente, tem de se encontrar uma solução, e penso que as pessoas têm de ser confrontadas com esta necessidade.

Se contestarmos uma dereminada localização, apresentem alternativas! Digam onde! Isto tem de ser perguntado às pessoas; mas também é preciso fazer um inventário do que há para tratar: quais são os resíduos, o que são e de onde vêm. Digam claramente às pessoas o que é que existe, o que vai ser tratado, onde é produzido e quem o produz. Numa terra como Estarreja (ou o Barcelo ou até mesmo Souzedal) as pessoas estão, há décadas, a ser massacradas pelos cheiros, pelo mau ambiente, pela terrível presença de indústrias poluidoras... Não lhes venham dizer "já que estão habituadas, continuem a suportar...". Não pode ser, vamos dividir este esforço nacional por todos. Não existirão zonas despopovadas onde possam vir a ser instaladas estas unidades, com menos prejuízos para as pessoas? Eu gosto imenso de animais, mas o certo é que prefiro as pessoas. Protejam as gerações que terão ainda de enfrentar muita coisa má.

CP - Esta é uma crítica à forma de actuar do Governo?

MLB - É uma crítica à governação. Já o anterior Governo tinha desencadeado acções nesse sentido, só ainda não tinha chegado ao ponto de decidir a escolha definitiva dos locais. O dr. Vladimiro negociou com o anterior Governo a instalação da incineradora no concelho em troca de uma bandeira de presentes... Eu não o critico por isso e até posso tentar compreender... É que falta tanta coisa que as pessoas se deixam tentar por aquilo que podiam ter.

CP - Partilha da opinião de que Aveiro tem falta de peso político?

MLB - Eu penso que Aveiro tem, no seu todo, um nível de cultura e de educação e, sobretudo de cultura de convivência, que lhe permite fazer as reivindicações certas na altura certa e de modo mais correcto. Mas se os tempos estão tão mudados, que para fazer valer os direitos se tem de recorrer a violência ou a meios pouco próprios, estou certa de que Aveiro não irá por esse ca-



«A ENTRADA DAS MULHERES NA VIDA ACTIVA, NO MUNDO DA DISCUSSÃO, DA DECISÃO E DA PROPOSTA, PODERÁ INTRODUIZIR FACTORES DE EQUILIBRIO NA SOCIEDADE. A SENSIBILIDADE DAS MULHERES PODE MUDAR MUITA COISA AO NÍVEL DAS DECISÕES, BASTA QUE ELAS TRANSPONHAM PARA UM PALCO MAIOR UM POUCO DAQUILO QUE TÊM DE FAZER EM CASA: GERIR, DECIDIR, PROPOR...»

ço do famigerado ICI, que seria, pelo menos, um levitativo para possíveis perigos, para além de ser um inevitável factor de desenvolvimento... Já antecorrem, de vinho tarde, hoje, ainda não está, amanhã, não estará com certeza; com este cenário, pensar em instalar uma transferência em Estarreja, é, no mínimo, emburaxoso, para não dizer que é altamente criminoso. É urgente preservar as populações, que já tiveram a sua dose.

CP - Esta é uma crítica à forma de actuar do Governo?

MLB - É uma crítica à governação. Já o anterior Governo tinha desencadeado acções nesse sentido, só ainda não tinha chegado ao ponto de decidir a escolha definitiva dos locais. O dr. Vladimiro negociou com o anterior Governo a instalação da incineradora no concelho em troca de uma bandeira de presentes... Eu não o critico por isso e até posso tentar compreender... É que falta tanta coisa que as pessoas se deixam tentar por aquilo que podiam ter.

CP - Partilha da opinião de que Aveiro tem falta de peso político?

MLB - Eu penso que Aveiro tem, no seu todo, um nível de cultura e de educação e, sobretudo de cultura de convivência, que lhe permite fazer as reivindicações certas na altura certa e de modo mais correcto. Mas se os tempos estão tão mudados, que para fazer valer os direitos se tem de recorrer a violência ou a meios pouco próprios, estou certa de que Aveiro não irá por esse ca-

minho. Confunde-se, muitas vezes, peso político com peso reivindicativo a qualquer preço e de qualquer forma. Aveiro não tem estrutura tradicional para seguir este ritmo.

«Eu sou contra as quotas»

MLB - Isto tem algo de caricato e teria até de desprezível, se não tivéssemos de recorrer a este meio para podermos, nós mulheres, usufruir de uma representação efectiva. Eu sou contra as quotas acho que, qualquer dia, passamos também a ter quotas para a participação dos homens... Nós somos 54% da população e se isto tomar o incremento que possa vir a ter, uma lei, seremos nós a fazer uma lei para obrigar os homens a integrar as listas, na percentagem que entendemos mais adequada. Por outro lado, se vivemos numa altura em que existem leis para tantas coisas, coisas tão rotineiras, então, que se faça lá isso. Pelo menos, as mulheres que assim o entenderem, poderão participar na discussão dos problemas deste país, já que o contributo delas tem sido mais que evidente ao longo dos tempos, de forma maioritária e maciça, embora de um modo discreto, sem bancadas de parlamento, sem cadeias de poder, antes na bancada da cozinha e na cadeira junto ao bento... As mulheres, sobretudo, e de uma forma muito especial na nossa região, não precisam que lhe ofereçam quotas aqui e ali, porque elas são a quota fundamental do desenvolvimento e do equilíbrio

social deste país.

CP - No tempo em que era presidente de Câmara, sentiu, alguma vez, o facto de ser mulher lhe facilitar ou dificultar o desempenho do cargo?

MLB - Na verdade, o facto de ser mulher facilitou-me a vida. Foi alvo de um tratamento, compreensão e colaboração diferentes: acho que manive relações mais cordatas, mais civilizadas e elevadas pelo facto de ser mulher, essas coisas não se agradecem mais, mesmo assim, devo dizer que estou grata, porque tinha de conviver maioritariamente com homens, e deles eu tinha a melhor recordação em todas as áreas de colaboração, de respeito, de companheirismo, de entendimento... Não tenho qualquer razião de queira.

CP - Apesar de um pouco arrejada da actividade político-partidária, continua a ser militante do PSD; admite voltar a desempenhar cargos no âmbito do partido?

MLB - Sim, com certeza. A política é uma coisa que me fascina, que me seduz, sempre assim foi. Não o faço por desafio nem por desporto, faço porque gosto.

AD: selecção nacional

CP - Deposita esperanças nesta AD (Alternativa Democrática)?

MLB - Esta AD, que não é a outra AD (Aliança Democrática), é um acordo de partidos, uma espécie de selecção nacional. Espero que aconteça como no futebol: os atletas jogam pela selecção, mas, quando regressam aos seus clubes, vestem, de novo, a camisola e defendem os projectos e os propósitos dos seus clubes. Eu penso que esta Aliança presta um importante serviço à democracia. Ainda há momentos ouvi um governante dizer que vamos viver um ano conturbado, porque temos uma oposição de direita que vai promover a instabilidade, impedindo o desenvolvimento do país. Este é, para mim, um discurso perigoso; este é o apelo ao partido único. Os mesmos que, há pouco tempo, diziam que a maioria absoluta era um perigo, vêm agora pedir à maioria absoluta era um perigo, vêm agora pedir à maioria absoluta era um perigo, para os deixar governar sozinhos. A democracia vive com todos os partidos, contestatórios e concórdios, que se juntam, que discutem, que colocam em causa... Mal vai uma sociedade se isto não acontece. Se esta Aliança contribuir para demonstrar que, na altura certa, se juntam forças políticas para apresentar uma outra proposta, seja bem-vinda. Nós temos um Governo socialista que está a governar com prática central-decreta, que está a ocupar um espectro político que não lhe pertence, e ainda acusa os outros de destabilizar... Isto cheirame a uma prática de partido único, que vai por ali fora, pela Europa toda... Não pode ser, valha-me Deus! Por isso, se esta Aliança se formou para apresentar um projecto, através do qual vem demonstrar que os partidos estão vivos e que têm ideias... é um propósito inquestionavelmente acertado.

Breves

CP: Greve até próximo dia 5

Numa "informação ao cliente", antecedente à tarde afxada nas estações e apeadeiros, a CP dava conta da "redução de serviços entre a 0 hora, de ontem, e as 24 horas de 5 de Fevereiro", em "consequência de declaração de greve anunciada pelo Sindicato Nacional de Maquinistas".

Para além de «eventuais atrasos que possam ocorrer» — normais, diga-se, independentemente de haver ou não greve —, a CP admite, ainda, «a possibilidade de não se efectuarem alguns comboios», o que acontece também em condições normais.

«A "informação ao cliente", a CP diz lamentar «este facto, pedindo a melhor compreensão para os incómodos causados» (sic). Isto certamente porque a clareza e a precisão de ideias estarão igualmente em greve ou em redução de consumo...»

Gasolina: possível "seca"

A gasolina pode vir a faltar, este fim-de-semana. A greve ao trabalho suplementar dos trabalhadores da Petrolgal, iniciada antecedente e que se prolonga até domingo, será, hoje, reforçada com uma greve geral até às 6 horas de depois de amanhã. A Petrolgal diz ter assegurado um abastecimento até segunda-feira, desde que não haja uma corrida às gasolineras.

Função Pública: aumento de 3%

O Governo encerrou as negociações salariais da Função Pública com um aumento de 3%, tendo chegado a acordo apenas com a Frente Sindical de Administração Pública (FESAP-UGT). Este aumento percentual é extensivo às restantes matérias pecuniárias, excepto ao subsídio de refeição cuja percentagem é de 4%.

Banco Postal: "luz verde"

A Caixa Geral de Depósitos e os Correios de Portugal podem avançar com o pedido de autorização ao Banco de Portugal, para constituírem o Banco Postal — entre 400 e 500 estações de correios serão aproveitadas para vender produtos e serviços burocráticos. A "luz verde" foi dada pelos ministros do Equipamento e das Finanças que tutelam, respectivamente, os Correios e a Caixa Geral. Em reunião realizada no ministério das Finanças, os ministros João Cravinho e Sousa Franco deram permissão às administrações das duas empresas para avançarem com o pedido de autorização do Banco de Portugal.

2003: AR com 33,3% de mulheres

Se for aprovada a proposta de Lei do Governo sobre a introdução de quotas para mulheres nas listas de deputados, 33,3% do hemicycle da Assembleia da República será composto por mulheres, quando o processo atingir o seu "objectivo final". O "objectivo final" de 33,3%, explica o texto da proposta, são o "terceiro e quarto acro eleitoral posterior à entrada em vigor da Lei", ou seja, as eleições legislativas de 2003 e europeias de 2004. Porém, para vigorar já para as próximas eleições europeias e legislativas, o documento consagra uma "meta intermédia" que estabelece 25% como limite mínimo de lugares reservados a cada um dos sexos nas listas de deputados. Os partidos poderão mesmo, ver as suas listas de candidatos rejeitadas caso não contemplem aquelas restrições e o respectivo mandato não proceda a alterações no prazo de três dias após notificação. O Governo quer ver a sua proposta debatida no Parlamento durante o próximo mês.

Família de Aveiro assassina na Venezuela

Uma família portuguesa radicada na Venezuela foi assassinada e enterrada no quintal da casa onde vivia, em Cabudare, tendo os seus corpos sido encontrados esta semana em avançado estado de decomposição.

Manuel Sérgio Neves, de 68 anos, natural de Aveiro e proprietário de uma padaria, e a sua esposa Elvira do Rosário de Deus de Neves, de 48 anos, e o filho Paulo Sérgio Deus de Neves, de 23 anos, estavam desaparecidos desde 11 de Outubro do ano passado, tendo os seus corpos sido agora encontrados pela Polícia Judiciária, após uma queixa apresentada pela filha do casal, que estranhou o desaparecimento.

Karla Neves Deus, residente em Portugal, denunciou, no passado dia 11, o desaparecimento dos pais e irmão, ao Corpo Técnico da Polícia Judiciária da Venezuela, explicando ter telefonado várias vezes para falar com os pais, sempre sem êxito.

Uma discussão entre Manuel Sérgio das Neves e o sócio Carlos Alberto de Caire poderá estar na origem do massacre, conforme testemunhou Adailda Guerra, companheira de Carlos de Caire. Em declarações prestadas à Polícia Judiciária, Adailda Guerra acabou por denunciar o seu companheiro como autor do crime, explicando ainda que o alegado criminoso teve ajuda dos empregados da padaria.

Adesões ao Projecto de Modernização do Comércio

O secretário de Estado do Comércio, Osvaldo de Castro, afirmou em Mantegais, que 155 concelhos (dos 308 do país) já aderiram com candidaturas ao Programa de Modernização do Comércio (PROCOM), que atribuiu até 66,6% de apoios a fundo perdido.

Osvaldo de Castro disse, ainda, durante a apresentação do Estudo Global do Projecto de Urbanismo dos Centros Históricos, que «não há nenhum programa comunitário, com fundos comunitários ou nacionais que tenha uma comparticipação a fundo perdido até àquele montante».

Comentou, também, o facto de os comerciantes «depois de um período de pânico e autovitimização», erguam a cabeça e estão a dar resposta adequada», sem esquecer a existência das grandes superfícies.

Osvaldo de Castro explicou que a razão da visita feita ao distrito da Guarda se destinou a «procurar ajudar e incentivar os comerciantes a aproveitarem esta oportunidade única», e atribuiu a melhoria dos negócios «a uma economia que está a correr relativamente bem, mas

também com uma nova postura deste tipo de comércio que, ao vender a ideia de que o estabelecimento é bom, faz propaganda, mas ao dizer, como anteriormente, que tudo está a cair, a morrer, fazia contrapropaganda e afastava os clientes».

O presidente da Câmara de Mantegais, José Manuel Biscainha, afirmou estar convicto de que através desta iniciativa é possível revitalizar turisticamente Mantegais e que o comércio vai acompanhar a evolução turística, dando, assim, mais qualidades no centro da vila.

Por seu turno, o presidente do Município de Almeida, José Costa Reis, afirmou que, após as obras de recuperação na área urbana daquela vila no âmbito do programa das "Aldeias Históricas", vai ser dada atenção à beneficiação dos estabelecimentos cujos comerciantes aderiram à recuperação, propondo-se a Câmara a instalar as infra-estruturas necessárias.

As candidaturas dos Projectos Especiais de Urbanismo Comercial devem ser apresentadas, por câmaras municipais e comerciantes, até fins de Maio.

Viseu exige Universidade pública com petição à AR

Um grupo de cidadãos de Viseu de vários quadrantes políticos e profissionais formaram um movimento para reunir quatro mil assinaturas para levar ao Parlamento uma petição exigindo a criação de uma Universidade Pública na cidade.

Coeelho de Araujo, do PSD e presidente da Assembleia Municipal, Francisco Almeida, dirigente do Sindicato de Pro-

fessores da Região Centro, Francisco Peixoto, deputado do PP e Almeida Henriques,

presidente da Associação Industrial da Região de Viseu são alguns dos nomes do "núcleo duro" do movimento.

A Assembleia da República, depois de recolhidas as assinaturas necessárias deverá apreciar a urgente criação em Viseu de uma Universidade Pública de

raiz», aponta o documento que vai servir de suporte à petição.

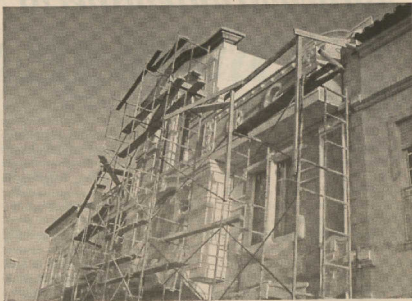
Na génese desta iniciativa está a recente escollita da cidade da Covilhã pelo Governo para instalar uma Faculdade de Medicina, para a qual Viseu também avançou com uma "candidatura". De acordo com a petição, a decisão do Governo «deu lugar à imediata desilusão, gerando-se entre os visenses a mais

profunda frustração e incredulidade».

«Tal desilusão aumentou ainda mais quando o Primeiro-Ministro anunciou a 28 de Novembro que o seu Governo não pretende criar, no decurso do seu mandato, novas universidades em Portugal», acrescenta o texto.

A petição e o texto que a acompanha foi apresentada publicamente sexta-feira a noite em Viseu.

Prédio "ancorado" na arte-nova



Na edição da semana passada, *Campeão das Províncias* dava conta de um prédio invulgar em fase de acabamento, concebido em moldes de arte-nova. Tratando-se de um revivalismo que radica no bom gosto da arquitectura burguesa dos princípios do no nosso século, adianta-se que a "Casa das Âncoras" se destina apartamentos e, também, a lojas. De momento — e isso é francamente positivo — o edifício em questão, propriedade de Rui Moreira, vem valorizar de forma significativa o Cais das Falcoiras. O projecto, ao que se conseguiu apurar é assinado pela Arquitecta Maria Manuel Ataíde das Neves. O proprietário, aveirense de nascimento e de coação (embora residente na Figueira da Foz), pretende, assim, honrar as boas tradições aveirenses e dar maior dignidade a um recanto de grande beleza. Espera-se que a obra esteja concluída antes da Páscoa, mas falta ainda a colaboração do artista Zé Penicheiro (que Aveiro bem conhece) em cenas e cores adequadas aos gostos da *Belle Époque*.

Inquérito aos Museus passa por Aveiro

De todos os museus existentes no distrito de Aveiro, apenas o Museu de Santa Joana, em Aveiro, pertence à rede nacional tutelada pelo Instituto Português de Museus (IPM). Actualmente, o IPM tutela um grupo de trinta museus que engloba tanto os considerados grandes museus como alguns pequenos museus locais. Reformular esta rede, criada na segunda década deste século, é o objectivo de um inquérito que o IPM vai promover, no final deste mês. Os resultados deste questionário vão permitir fazer uma selecção dos museus que a tutela considerará mercedores de um efectivo apoio, tirando partido das verbas disponibilizadas pelo III Quadro Comunitário de Apoio.

A directora do Museu de Aveiro concorda com esta iniciativa do IPM, já que «não se pode fazer um trabalho sobre museus sem partir de uma base teórica». Para Isabel Pereira, os resultados deste inquérito vão permitir a definição de uma política museológica para os museus nacionais, mas também a criação de «uma política de diálogo com os outros mu-

seus», tal como a lei prevê. A possível integração de novos museus na rede do IPM exige, naturalmente, um trabalho de pesquisa, que permita concluir do estado em que se encontram os museus do nosso país; a responsável pelo Museu de Santa Joana entende que, embora este «seja um método lento, será, com certeza, o mais seguro».

Quando for chamada a responder ao inquérito do IPM, Isabel Pereira vai dar conta das dificuldades com que se depara no dia a dia. E são muitas. O Museu de Aveiro está instalado num edifício muito antigo, o que obrigaria a cuidados redobrados, mas tal não tem acontecido: foi longa a espera pelas obras de conservação e o equipamento disponível fica muito aquém do necessário; ao fim e ao cabo, «constrangimentos da maioria dos museus do país».

Futuro melhor

No entanto, a directora do Museu de Santa Joana está confiante numa progres-

siva melhoria do actual estado de coisas. Isabel Pereira pensa que, mesmo lentamente, algo tem vindo a mudar, nos últimos tempos, mas «os anos de atraso, neste sector, implicarão ainda muito trabalho para chegar a um parâmetro satisfatório».

De resto, nem só as obras, os melhoramentos, as colecções ou o número de visitantes fazem de um museu um bom museu. É importante que se estabeleça uma efectiva ligação do museu com o meio em que este se insere, porque «um museu não é uma entidade cultural isolada». A responsável pelo Museu de Aveiro não concorda plenamente com a afirmação de Raquel Henriques da Silva, directora do IPM, para quem «os museus estão na moda». Para Isabel Pereira, «um museu só está na moda quando exerce, efectivamente, uma interacção agressiva e efectiva, ao nível cultural, com a comunidade».

Entretanto, as obras na fachada do Museu de Aveiro estão a correr bem, assegura a directora, que não espera para

breve o início dos restantes trabalhos de recuperação do edifício. Confirmada, Isabel Pereira explica que «o projecto implica estudos bastante morosos, ao nível da geologia, dos terrenos, das estruturas, ainda temos muito que andar».



Igreja de Jesus no Museu de Aveiro

Museu da República abre este ano

O Museu da República e da Liberdade, em Aveiro, vai ficar concluído este ano e poderá mesmo ser inaugurado já em Maio, segundo o presidente da Câmara, Alberto Souto.

O museu, que evoca as tradições de Aveiro na luta contra o regime do Estado Novo, vai acolher o espólio de Arlindo Vicente, candidato oposicionista nas eleições presidenciais de 1958.

O presidente da Câmara de Aveiro, acompanhado pelo vereador da cultura, Jaime Borges, visitou as obras do edifício que vai albergar o museu, como objectivo de se integrar do andamento dos trabalhos. Na visita ao local, Alberto Souto e o vereador, tomaram contacto com as alterações que vão ser levadas a cabo no projecto inicial. A deslocação serviu, igualmente, para procurar saber quando é que a obra estará concluída. Para o presidente da Câmara seria «interessante» que o museu ficasse concluído em Maio, por altura das festas da cidade; caso contrário, a outra data possível será o aniversário da implantação da República, 5 de Outubro.

A empreitada, já em fase de conclusão, está orçada em cerca de 250 mil contos.

RESTAURANTE
Abílio Marques
(Abílio dos Frangos)

CASAMENTOS
BAPTIZADOS
FESTAS
E.T.C.

Frango de Churrasco
Leitão à Bairrada
Arroz malandro

BONSUCESSO - ARADAS - 3810 AVEIRO - TELEF. 23457 - FAX 381412

Aveiro

Aprovado anteprojecto do Lago da Fonte Nova

A Câmara de Aveiro aprovou o anteprojecto do Lago da Fonte Nova, um lago artificial a construir frente ao Centro Cultural e de Congressos, assim como os estudos hidráulicos e de automatismo do sistema do controlo dos níveis nos canais da cidade.

Na sua reunião semanal, o executivo deliberou abrir concurso para aquisição de equipamento mobiliário e informático, bem como para a colocação de sistemas de alarme. Enquanto os sistemas de alarme se destinam às escolas do concelho, o equipamento informático e o mobiliário serão para a Livraria Municipal, que fica-

rá instalada na Galeria Morgados da Pedricosa.

A abertura de concurso, no valor de 17 mil contos, para a construção do saneamento na Estrada Nacional 235, em São Bento, Costa do Valado, foi outro dos pontos aprovados, assim como a cedência de materiais à Junta de Freguesia de Esqueira e de S. Bernardo e apoio a iniciativas diversas.

Foi também designada a comissão executiva para a organização da Feira de Março e fixada a data de 17 de Abril como "Dia das Cidades Irmãs", iniciativa a decorrer durante o evento.

Proibir venda fora do Mercado é "desumano"

A decisão da Câmara de Aveiro de proibir a venda de hortícolas fora do mercado municipal provocou um protesto da Associação de Lavoura local, que a classifica de "desumana".

O vereador do pelouro, Vitor Marques, em reunião com os agricultores, tinha admitido a possibilidade de levantar essa proibição, até estar concluído o novo mercado, mas o plenário da vereação, decidiu, por unanimidade, confirmar a proibição.

Reagindo a essa decisão, a Associação da Lavoura acusa a Câmara de proibir a venda no exterior do mercado Manuel Firmino por estar interessada nas receitas dos parcometros. Os agricultores recordam que a venda de produtos ao ar livre é uma prática tradicional que

existe, inclusivamente, em vários países da União Europeia.

A Câmara responde que, por motivos de higiene, a venda de hortícolas deve ser feita apenas no interior do mercado, e conta com o apoio dos comerciantes instalados dentro do Manuel Firmino, que recolheram assinaturas para pressionar os vereadores no sentido de manterem a proibição. Para os comerciantes, a venda ao ar livre representa uma concorrência desleal, porque constitui uma forma encapotaada de grossistas venderem também a retalho.

Os agricultores, contudo, não se mostram dispostos a desistir: da tradição de venda ao ar livre e ameaçam continuar com os protestos e encontrar novas formas de luta.

Universidade prepara "honoris causa"

No âmbito das comemorações do 25.º aniversário, a Universidade de Aveiro está a preparar a atribuição do grau de doutoramento "honoris causa" a personalidades que, de uma ou outra forma, têm motivado e/ou influenciado o desenvolvimento da academia aveirense. A pedido da comissão que está a organizar o programa comemorativo, os vários departamentos da Universidade foram chamados a pronunciar-se e a apresentar sugestões. Os Departamentos de Didáctica e Tecnologia Educativa e Electrónica e Telecomunicações apontaram os nomes de Lee S. Schulman e João Augusto de Sousa Lopes, respectivamente. O plenário do Conselho Científico já se pronunciou favoravelmente, faltando agora o aval da Reitoria e do Senado.

Entretanto, ao longo do próximo mês, como vem sendo hábito, a Uni-

versidade será palco para uma série de actividades culturais. Do vasto programa, interessa destacar, no próximo quarta-feira, um concerto de música de câmara pelo grupo Arcádia Ensemble, no auditório do departamento de comunicação e arte, pelas 21:30. Para o próximo dia 10, está agendado o lançamento de um livro de Fernando Campos sobre a vida de Damião de Góis: "A sala das perguntas"; no mesmo dia, procede-se também à apresentação pública da colecção de CD's "Viagem dos Sons", de autoria de Susana Sardo, docente da Universidade de Aveiro e coordenadora científica da colecção. No departamento de Biologia vai decorrer, amanhã e sábado, o IV Simpósio Internacional de Ténicas Experimentais - EXT'99, um fórum que vai abordar o desenvolvimento da investigação aplicada nas ciências da vida e da saúde.

Projecto MARIA: Seminário Final

O Projecto MARIA - Programa de Gestão Integrada para a Ria de Aveiro, vai levar a efeito, amanhã, o Seminário Final, no anfiteatro do departamento de Ambiente, que coordena este projecto.

Apresentado ao Programa LIFE'96, o Pro-

jecto MARIA tem como objectivos específicos «a capacidade de fomentar a cooperação entre organismos e actores com interesses variados, por forma a definir modelos de cooperação que permitam evoluir para um desenvolvimento sustentável». O Seminário Final

do Projecto constitui a oportunidade final de dar a conhecer à comunidade os resultados alcançados ao longo de dois anos de trabalho, constituindo um marco importante na defesa dos interesses comuns da Ria de Aveiro - o seu desenvolvimento sustentável.

STUA

Tarifas sem alteração

O tarifário dos STUA (Serviços de Transportes Urbanos) não vão sofrer alterações, este ano. A Administração dos SMA (Serviços Municipalizados de Aveiro) pretende, desta forma, cativar cada vez mais passageiros. Com efeito, desde

1995 que os preços dos bilhetes e passes sociais não são alterados, tendo-se até verificado uma diminuição ao nível da tarifa cobrada pelo motorista - o bilhete que se compram dentro dos autocarros -, que passará a ter o preço único de 200 escudos.

António Canas, administrador-delegado dos SMA, explica que o possível aumento «não teve significação em termos financeiros e acabaria por provocar um efeito negativo nos passageiros», o que contraria a actual postura dos STUA.

Corte de estradas

Devido à colocação do colecter inter-municipal da Simria, está interrompido ao trânsito o acesso ao lugar de Matadufços, pela marginal de Esqueira - Rua das Andorinhas. A alternativa é a nova passagem superior sobre a linha do norte. Entretanto, a Câmara de Aveiro está a proceder à remodelação da rede viária, no cruzamento do Eucalipto, propondo assim o desnívelamento da EN 109, bem como a execução de uma rotunda, a implantar no local do actual nó rodoviário. As obras começaram com a execução de uma rotunda provisória.

sma

serviços municipalizados de aveiro

REMODELAÇÃO DA REDE DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Os Serviços Municipalizados de Aveiro informam que vão proceder à remodelação de uma conduta adutora de água na EN109 entre o encanamento de Engenharia (EN109/EN230) e o acesso ao IP5, na berna, no sentido Sul-Norte (ver mapa) com a execução dos trabalhos a decorrer durante as três próximas semanas. Recomenda-se, pois, que sejam tomadas, pelos municípios, as medidas preventivas convenientes e agree-se, antecipadamente, toda a compreensão e apoio dispensados.



Aveiro, 20 de Janeiro de 1999

O Director-Delegado,
Eng. António Helmo Martins Canas

Agenda

(de 29 Janeiro
a 3 Fevereiro)

29 - Noite de Fados em homenagem à fadista vareira, Adelaide Rodrigues. No Cine Teatro de Aveiro, pelas 21:30.

- "China at 50": o anfitrião da secção autónoma de Gestão e Engenharia Industrial (Universidade de Aveiro), às 16:30. Esta sessão pública (conduzida em inglês) tem como objectivos a discussão de aspectos relacionados com a China actual, tais como a economia, negócios e relações internacionais, entre outros.

- Show dos "Irmãos", no restaurante-bar Salpote, às 21:30.

- Assembleia Geral dos Bombeiros Voluntários de Albergaria-a-Velha, às 20:00, no salão de festas da Associação dos Bombeiros. A ordem de trabalhos é preenchida pela apreciação e votação do relatório de contas de 1998 e do Plano de Actividades para o corrente ano.

30 - Assembleia Geral ordinária da Sociedade Recreio Artístico, às 21:30, na sede daquela associação. Da ordem de trabalhos consta o apreciação e votação do relatório de contas do ano de 1998, e a apreciação e deliberação de todos os assuntos de interesse para a sociedade e os associados.

31 - Última dia de exposição sobre Maria Judite de Carvalho, patente ao público no Centro Cultural e da Comunidade. A mostra reúne desenhos, pinturas e caricaturas do artista.

1 - Inauguração da exposição de fantasias de Carnaval, patente ao público no Convento dos Lóios, em Santa Maria do Feira, até ao próximo dia 12.

2 - XVI Encontro Nacional de Professores realizado, em Braga, no âmbito das comemorações do Dia do Professor. Os trabalhos deste encontro são subordinados ao tema "A Escola e a Sociedade do ano 2000".

3 - II Congresso Nacional dos Centros de Formação e Associações de Escolas - Diversidade e Qualidade. A iniciativa decorre entre os dias 3 e 5, no Centro Cultural e de Congressos.

Nova biblioteca para Águeda

Águeda foi uma das autarquias vencedoras do sétimo concurso da Rede Nacional de Leitura Pública. O concelho vai ter uma nova biblioteca, um edifício a construir de raiz, até ao ano 2003, fruto de uma parceria entre a Câmara e o Ministério da Cultura. A candidatura de Águeda foi uma das 21 seleccionadas entre as 49 propostas apresentadas.

A construção de uma nova biblioteca é uma pretensão antiga do município, que há já alguns anos vinha apresentando candidaturas nesse sentido. Mas, como nos diz Nair Barreto, vereadora do pelouro da cultura na Câmara Municipal de Águeda, «ou porque não gostavam do local, ou da planta; ou porque o projecto não condizia com o pretendido», as propostas vinham sendo, sucessivamente, preteridas. O executivo aguedense foi-se sujeitando à espera, mas não desistiu. A última candidatura foi apresentada em 1997. Quando o actual elenco camarário tomou posse, ficou a saber que a proposta corria o risco de ser, novamente, recusada,

por não ter sido devidamente formulada. Corrigidos os eventuais erros, a autarquia ficou ao processo que agora culminou com a aprovação da candidatura.

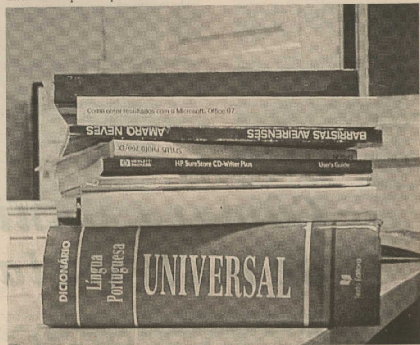
A notícia foi recebida com grande entusiasmo na Câmara de Águeda, que já disponibilizou o terreno para o novo edifício, numa zona central da cidade, junto às escolas, perto do antigo Instituto Superior Militar e da Caixa Geral de Depósitos. Quanto ao início das obras, Nair Barreto não se atreve a uma previsão, até porque «o processo passará ainda por várias reuniões com o Instituto Português do Livro, para acerrar pequenas questões de pormenor, e pela assinatura do protocolo». O Ministério da Cultura vai comparticipar a obra em 50%, à semelhança do que acontecerá com as restantes 20 localidades seleccionadas. Trata-se de um investimento do Poder Central que atinge os quatro milhões e 80 mil contos, verba que envolve os custos do projecto de arquitectura, construção ou adaptação do edifício, aquisição de mobiliário,

equipamento e fundos documentais e informatização dos serviços. As autarquias ficarão responsáveis pela gestão do espaço.

Segundo o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, a selecção baseou-se, entre outros factores, na qualidade técnica dos projectos, na boa articulação dos trabalhos desenvolvidos pelos arqui-

tectos, projectistas e bibliotecários; foi também determinante a adequação das propostas aos objectivos da Rede Nacional e a ordenação do território tendo em conta um desenvolvimento equilibrado em todo o território. Dotar todos os concelhos do país de uma biblioteca é o objectivo a atingir pela Rede Nacional de Leitura Pública até ao ano 2005.

À semelhança do que acontece na maioria dos concelhos do país, também em Águeda o serviço de biblioteca é, actualmente, assegurado pela Fundação Callouste Gulbenkian, que mantém um protocolo com o município: a Câmara suporta os custos da instalação e dos funcionários, e a Fundação assegura o "recheio" das prateleiras.



Águeda vai ter biblioteca da Rede Nacional de Leitura Pública.

Arouca: É urgente preservar núcleos tradicionais

Preservar os núcleos tradicionais do concelho de Arouca é uma das principais preocupações da Associação para a Defesa da Cultura Arouquense (ADCA). A falta de cuidado dos construtores aliada a um inadequado licenciamento por parte das autarquias, tem levado a uma crescente descaracterização dos núcleos mais tradicionais do região.

Segundo a Associação, é urgente «fazer alguma coisa para pôr cobro a uma

situação que, dia após dia, vai conhecendo foros de escândalo». São zonas de rara beleza preservadas ao longo de várias gerações, onde, ultimamente, têm surgido construções sem qualquer relação com os núcleos arquitectónicos existentes, em termos de materiais, cores ou proporções. Filomeno Silva, presidente da ADCA, aponta mesmo um caso concreto: «em Canelas, ainda recentemente, foi autorizada a construção de um pavilhão para a

agricultura, um bloco de cimento, situado mesmo ao lado de um núcleo tradicional, dos melhor conservados da freguesia, onde pontuam as casas de xisto e ardósia, um exemplo entre muitos outros, diz o responsável pela Associação, que defende um equilíbrio entre as novas construções e as primitivas.

Filomeno Silva admite que, para além de alguns interesses, exista também uma certa ignorância e desconhecimento da

parte dos responsáveis pelo licenciamento de novas construções. Para a Associação, é urgente que a autarquia «defina as regras do jogo» e actue de forma a impedir construções que não dignifiquem o estilo característico dos aglomerados típicos do concelho. Por outro lado, diz o dirigente, «é imperioso que as populações que vivem em núcleos tradicionais, dignos de preservação, sejam apoiadas, graciosamente, em termos técnicos e materiais, de forma a propo-

cionar um desenvolvimento sustentado». A Associação chama ainda a atenção para a importância da utilização de materiais característicos, como é o caso da ardósia; para além de apoiar a economia local, evita-se a aplicação de matérias importadas que, para além de inestéticas, não são adequadas às condições climáticas da região. Nesse sentido, a ADCA tem vindo a tomar posição, nomeadamente, através de publicações e notas escritas.

S. João da Madeira

Oliva: Assembleia de credores suspensa até 5 de Fevereiro

A assembleia de credores da Oliva foi suspensa até 5 de Fevereiro, último dia do prazo legal para aprovação da proposta de viabilização da metalurgia de S. João da Madeira.

A votação da proposta de viabilização delineada pelo administrador judicial Oliveira da Silva, apontando para a gestão controlada e reorganização da empresa, acabou, assim, por ser mais uma vez adiada. Na base da suspensão da assembleia da passada segunda-feira, na sequência de um requerimento do Banco Mello, está o facto de a Segurança Social - cujos créditos representam cerca de 9% do total - ter exigido introduzir alterações à proposta, por não aceitar a dação de património da Oliva como forma de pagamento. A Segurança Social pretende estabelecer com a Oliva um período de ca-

rência de um ano, no fim do qual a forma de pagamento da empresa seria negociada com o «objectivo social de não pôr em causa os cerca de 400 postos de trabalho da Oliva», referiu uma fonte da Segurança Social.

O requerimento de suspensão da assembleia de credores apresentado pelo Banco Mello baseia-se no facto de a proposta de viabilização ser de uma «complexa engenharia financeira», e a «maior parte dos credores só ter dela tomado conhecimento, na semana passada», defendeu o representante da instituição bancária.

A proposta de viabilização da Oliva - Industriais Metalúrgicas S.A. deverá ser votada na próxima assembleia de credores e prevê a manutenção de um período de 6 meses de gestão controlada, prorrogável por mais meio ano.

As principais medidas a implementar, durante o período de gestão controlada, dizem respeito a reorganização industrial e reestruturação financeira da empresa metalúrgica. Nesse sentido, está prevista a criação de duas sociedades, uma que ficará titular do património imobiliário da Oliva, avaliado em cerca de 4 milhões de contos, e outra que ficará responsável «por todas as realidades que suportam o exercício da sua actual actividade industrial», refere a proposta de viabilização.

O documento prevê que a resolução dos débitos da empresa, que rondam actualmente os 10 milhões de contos, seja feita de formas diferentes, conforme se trate de credores hipotecários, credores comuns, Estado e Segurança Social, ou trabalhadores e pensionistas.

Em relação aos créditos privilegiados

dos trabalhadores e pensionistas, que rondam os 136 mil contos, «serão pagos em 24 prestações mensais e iguais, com perdão de juros vencidos e vincendos», lê-se na proposta.

Segundo Oliveira da Silva, «existe suporte para a proposta ser cumprida. Se houver incumprimento por parte da Oliva, os credores lesados poderão requerer a falência da empresa, pois o incumprimento leva à suspensão da gestão controlada», sublinhou o administrador judicial, ao ser inquirido sobre um antigo trabalhador.

A metalurgia de S. João da Madeira registou em 1997 um volume de negócios de 2,9 milhões de contos e prejuízos de 1,39 milhões de contos, estimado ter alcançado durante o exercício de 1998 um crescimento de cerca de 600 mil contos nas vendas.

Estorreja

Câmara Municipal precisa de mais esclarecimentos...

A "Ambimed" está, há cerca de um ano, na zona industrial de Estarreja, num armazém arrendado à Quimiparque, mas não solicitou autorização à Câ-

mara para ali se instalar, o que poderá ter levada a autarquia a considerar numa primeira reacção, que a "Ambimed" estaria a realizar a sua actividade

clandestinamente, ameaçando, por isso, tomar medidas para encerrar as instalações. No entanto, depois de a empresa "Ambimed" ter entregue

ao executivo camarário os elementos que provavam a sua situação legal, a decisão foi adiada.

Em reunião realizada na passada segunda-feira, a Câmara Municipal de Estarreja decidiu pedir mais esclarecimentos à empresa "Ambimed" sobre a estação de transferência de resíduos hos-

pitalares.

No entanto, Vladimir Silva, presidente da Câmara, admite já a hipótese de vir a ser autorizada a permanência da "Ambimed" em Estarreja, depois de todas as dúvidas serem esclarecidas. Isto porque o executivo camarário considerou que o processo de licenciamento

da estação de transferência de lixos hospitalares, em Estarreja, apresentava falta de dados.

De acordo com a decisão tomada, a empresa deverá, no prazo de 15 dias, fornecer elementos complementares, após o que será tomada uma posição sobre a licença de funcionamento.

...e projecta parque de estacionamento subterrâneo de três pisos

A Câmara Municipal de Estarreja projecta construir um parque de estacionamento subterrâneo de três pisos, nas traseiras dos Paços do Concelho, e adquirir um terreno junto à estação, para resolver a falta de estacionamento no centro, anunciou o vereador Teixeira da Silva.

Confrontado com o problema da dificuldade em estacionar no centro urbano, o autarca esclara-

receu que a Câmara pretende construir, a curto prazo, um estacionamento subterrâneo de três pisos e abrir um novo arruamento de ligação à rua 25 de Abril, no que se refere à zona da Praça. Quanto às imediações da estação de caminhos-de-ferro, Teixeira da Silva disse ser este um problema difícil de resolver, observando que muitos lugares são ocupados durante todo o dia por quem dei-

xa o carro e vai para o comboio.

«Precisávamos de tirar os carros do corredor central da Avenida Visconde de Salreu», reconheceu Teixeira da Silva, defendendo como solução a aquisição de um terreno nas proximidades, destinado a estacionamento. O vereador referiu que os terrenos dessa zona são privados e difíceis de conseguir, factor que, segundo ele, complica o problema.



Parque subterrâneo nas traseiras dos Paços do Concelho

Estorreja

Hospital da Feira inviabiliza maternidade de Ovar

Podem vir a confirmar-se os rumores que, nos últimos tempos, colocaram em estado de alerta as populações dos concelhos do norte do distrito de Aveiro. A inauguração do Hospital de Santa Maria da Feira pode vir a provocar o encerramento das valências de maternidade nos estabelecimentos de saúde das redondezas. Desde que entrou em funcionamento, no passado dia 11, ocorreram, na maternidade do Hospital de S. Sebastião, 36 partos. De resto, e tal como vinha sendo anunciado, a maternidade do Hospital da Feira está preparada para prestar assistência a todas as mulheres grávidas do norte do distrito; espera-se mesmo que, na maternidade do S. Sebastião, nasçam cerca de 4 mil crianças por ano.

Em declarações à rádio Molicieiro, Hugo Meireles, director do Hospital de S. Sebastião, afirma que o «conselho de administração do Hospital de Ovar verá até com algum agrado o encerramento da maternidade, uma vez que a realização de 600 partos por ano não se torna rentável, do ponto de vista económico». Para além disso, o Hospital de Ovar «não dispõe de apoio especializado nas áreas de pediatria e neonatologia, o que pode colocar em causa a qualidade do serviço



prestado aos utentes». Assim, a tendência natural será no sentido de centralizar este tipo de serviços em Santa Maria da

Feira cuja maternidade poderá, em breve, tornar-se «numa das maiores do país, dada a região em que está inserida e o

volume de partos esperado».

Miguel Viegas, representante da Comissão para a Defesa da Maternidade do Hospital de Ovar, não ficou surpreendido com as declarações de Hugo Meireles; apesar de não dispor de qualquer informação oficial relativamente a esta questão, Miguel Viegas acredita que «embora ainda não exista uma decisão final no sentido do encerramento da maternidade, o mais certo é que esta valência se vá tornando obsoleta, pela falta de investimento e de modernização dos serviços». Ao porta-voz da comissão, que chegou a promover um abaixo assinado em defesa da manutenção da maternidade do Hospital Francisco Zagalo, já não restam muitas esperanças; Miguel Viegas está certo de que a intenção é a de «deixar que a maternidade de Ovar "morra por si", até porque as pessoas começarão, naturalmente, a procurar outros estabelecimentos de saúde mais modernos, que dispõem de melhores serviços». Consciente das limitações de um pequeno movimento cívico, a comissão não prevê, para já, uma tomada de posição, mas deixa um aviso dirigido a «quem decide» para que «assuma as consequências e as responsabilidades daquilo que nós consideramos ser uma grande perda para a nossa cidade».

Vagos

Arquivadas as acusações de corrupção a João Rocha

O Ministério Público mandou arquivar o processo pela prática de corrupção contra o antigo presidente da Câmara de Vagos, João Rocha, por falta de fundamento, conforme notificação recebida pelos arguidos.

Em declarações, o ex-presidente da Câmara confirmou ter recebido a notificação de que o processo tinha sido mandado arquivar e disse não querer fazer qualquer comentário, até porque existem ainda outros processos pendentes.

«É uma certeza tardia, pois acredito na Justiça, sempre acreditai ao longo deste tempo, e quatro anos depois tenho razões para continuar a acreditar», limitou-se a dizer João Rocha, que considera ter sido vítima de «de-

núncias caluniosas» e afirma-se disponível para voltar à vida política activa.

«Estou contente e estou à espera dos outros processos», referiu o ex-autarca, que chegou a estar oito meses detido, e que diz esperar para breve

o desfecho do caso.

Questionado sobre o seu futuro político, João Rocha afirma-se disponível para regressar à vida política activa, que enquanto presidente da comissão política concelhia do PSD de Vagos, quer no quadro

da Alternativa Democrática, em cuja construção diz estar empenhado.

«O PSD de Vagos esteve sempre comigo, tal como as pessoas simples e humildes de Vagos, pelo que sempre disse que estava disponível», declarou.

Espinho

Governador em Moçambique

O Governador Civil de Aveiro encontra-se em Moçambique para participar na cerimónia de génimação de Espinho com a cidade da Beira. Para Antero Gaspar estas iniciativas de cooperação descentralizada são importantes «para aprofundamento dos laços históricos e de amizade entre portugueses e moçambicanos, elemento crucial para o reforço das relações bilaterais, tanto ao nível cultural e científico, como ao nível económico e social».

Ao longo desta estada por terras moçambicanas, o governador civil participará em diversos encontros com autoridades da Administração Central, Regional e Local. Antero Gaspar prevê também estabelecer contactos pessoais e institucionais com o ministro da Defesa, com o Governador da Província de Sofala e com os presidentes do Conselho Municipal e da Assembleia Municipal da Beira. O programa desta deslocação inclui ainda recepções no Arcebispado, no Consulado-Geral e na Associação empresarial da Beira, para além de visitas a unidades fabris de empresários do distrito de Aveiro.

Resposta completa

Na sequência da entrevista ao prof. Britaldo Rodrigues, publicada no «Campeão das Províncias» do passado dia 14, cumpre-nos publicar, na íntegra, a resposta do entrevistado à última questão colocada:

CP — Considera que Marcelo Rebelo de Sousa tem perfil para

primeiro ministro?

BR — Acho que sim. O cargo de primeiro ministro exige competência, inteligência, frontalidade e capacidade para resolver os problemas e tudo isto alicerçado num sistema coerente de princípios e valores. O Prof. Marcelo tem estas características.

No entanto, não possui o charme populista do Eng.º António Guterres que, dialogando sucessivamente, vai adiante tudo. Sobre esta situação, permiti-me que lhe diga um ditado britânico: «É possível enganar todos durante algum tempo, é possível enganar alguns durante todo o tempo, mas é impossível enganar todos durante todo o tempo».

Ensino Superior: o público e o particular

João Pedro Simões Dias*

Há poucas dias, com o alarido que costuma rodear as grandes notícias de pouca importância, que passam o gerânio, apenas em função desse mesmo alarido, alguma imprensa noticiou a fim eminente do ensino superior particular em Portugal. Para que à crônica desta morte anunciada nada faltasse, nem o porre-nor da data do cortejo de óbito era estudado: o ano de 2005. Invocavam-se estudos, citavam-se estatísticas, pretendiam-se fundamentar cientificamente a conclusão antecipadamente querida. E para que ao cenário dantesco traçado nada faltasse, eis a opinião abalizada de quem sobre tudo sabe opinar a confirmar a previsão e a creditarizar sociologicamente a emitenção, a anunciada desgraça. Entendamo-nos, por favor: é claro que se alguém tiver que falar, certamente não serão as instituições públicas a falarem; estas continuam e alimentam-se à mesa do orçamento do Estado e daí resultam prolepticas dividendos que esse mesmo Estado vai buscar ao bolso das famílias portuguesas: das que têm filhas a frequentar o ensino superior público e das que têm filhas a frequentar o ensino superior particular. Se pensarmos que estas últimas suportam propinas que resumem em justa preço do ensino ministrado nas instituições privadas e que ainda têm de compatibilizar para o financia-

mento do sistema de ensino superior público, eis-nos já perante uma verdadeira dupla tributação que muito fica a dever aos conceitos de justiça social e de equidade tantas vezes invocados em vão.

Mas o cerne do problema parece-nos outro: como repetidamente temos afirmado, perante a tutela ministerial e em diferentes intervenções públicas, quer-nos parecer ter chegado à plúria de, definitivamente, pôr um ponto final na dicotomia — falsa — entre ensino superior público e ensino superior particular. Se nos permitirmos, ofereçamos a nossa discussão por outros pontos de vista; passaremos a utilizar outros critérios. Falaremos, por exemplo, de ensino superior de qualidade e de ensino superior sem qualidade; falaremos de ensino superior adaptado às realidades do mercado e de ensino superior apto a formar desempregados de luxo; falaremos de ensino superior com perspectivas de futuro e de ensino superior anquilosado nos métodos e ultrapassado nos objetivos; e permitimo-nos de uma vez por todas, que seja o mercado a seleccionar os profissionais que observe e, assim, a estabelecer o ranking das instituições de ensino superior — públicas ou privadas. Decerto: não ignoramos que o boom de instituições de ensino superior particular, com a multiplicidade de escolas e de cursos oferecidos, não ajudou a creditarizar o sistema. Mas, já agora, permita-se-nos uma

questão: alguém acredita que, em Portugal, pode ter futuro uma licenciatura em engenharia aeronáutica? Está a NASA à espera da excelência formada numa universidade pública portuguesa para desenvolver os seus programas? Pois é — mas o certo é que essa licenciatura existe. E cria-se por uma universidade pública; por uma daquelas onde o dinheiro eventualmente abunda e luxos como estes são tolerados e pagos pelo contribuinte em nome desse sagrado princípio da autonomia universitária. Não será difícil adivinhar um risonho futuro para os nossos futuros engenheiros aeronáuticos, no mercado de trabalho da Serra da Estrela ou, mesmo, do País! Será preciso mais algum exemplo para demonstrar que na análise destas questões os critérios jornalísticos deverão ser mais exigentes e mais rigorosos? Será preciso recordar o que seria este País se os mais de cento e vinte mil jovens que frequentam o ensino superior particular não tivessem qualquer hipótese de obterem uma formação superior por, em muitos casos, o Estado lá negar em nome de um qualquer princípio de numerus clausus? Já alguém pensou na função social aqui desempenhada por muitas instituições de ensino superior particular? E, para terminar, quando é que os profetas da desgraça reconhecerão a profunda injustiça fiscal que impende sobre as famílias com filhas a frequentarem o ensino superior

particular, alvo de dupla tributação, e denunciado, com a mesma ênfase, tamanho injustiça?

Acreditamos que o ensino superior particular, tal como o ensino superior público, tenha de se redimensionar o curto prazo. Creemos, porém, que apenas uma parcerias estratégica e uma convicção benévola entre ambas as sub-sociedades permitirá responder eficazmente aos tempos que se avizinharam através, por exemplo, da elaboração de uma carta nacional do ensino superior que contemple a globalidade da oferta existente — pública e privada — a sua diversão e desigual distribuição geográfica e seja elemento de referência quando se pretendem criar novos cursos ou novas instituições, públicas ou privadas. Se a Constituição consagra o princípio da liberdade de ensino e o Estado não pretende ter de enfrentar a grave situação que poderia advir do completo desmantelamento do ensino superior particular, vendo-se a brocas com o drama de já resposta aos direitos de milhares de estudantes, apenas resta uma solução — a do diálogo pactuado e da articulação entre ambos os sub-sistemas de ensino superior. Será esse o desafio das próximos anos, independentemente de governos e de ministros. Quanto mais depressa o senhor Ministro da Educação perceber esta realidade inelutável, menores serão os problemas que o futuro poderá trazer. Por diversas vezes a APESS já se disponibilizou para esse diálogo e essa concertação. Aguarda-se a iniciativa ministerial para enfrentar o problema e buscar as soluções que devem ser encontradas.

*Presidente da Direcção das Instituições Particulares de APESS — Associação Portuguesa do Ensino Superior Particular

Os processos de mudança nas empresas

Américo Grego

não é o objectivo definir aquilo que a partir das anos oitenta passou a designar-se pelo termo reengineering (business process reengineering — reestruturação dos processos empresariais).

O conceito encontra em si um doutina de mudança radical para a adaptação ao meio envolvente. Esta filosofia teve como seus criadores dois conhecidos pensadores das questões do gestão, Michael Hammer e James Champy e a ódesmo maça dos empresários e dos gestores. Muitos escritos foram divulgados com os

princípios dessa filosofia e alguns tomaram-se mesmo best-sellers. Segundo constatação de um desses autores, essa doutrina não foi, no entanto, sucedida, porque os gestores ou mais alto nível não se empenharam a fundo na sua prossecução e ao quererem mudar radicalmente as estruturas e reduzir os custos foram incapazes, depois, de manter o negócio.

Se queremos ser alarmistas quanto ao que se tem passado entre nós, parece-nos estar a acontecer hoje em algumas das nossas empresas exactamente esse desfecho. Os nossos empresários e gestores já entenderam essa orientação do

também chamado downsizing (o redimensionamento) da organização. Fala-se em flexibilidade, descentralização, delegação de poderes, racionalização de meios e de processos, mas pretende-se manter a mesma imagem. Talvez isto se verifique mais nos PME's (pequenas e médias empresas). O que começa por ser uma necessidade passa para implementação sem um calendário perfeitamente definido, sem princípio e fim calendarizados e transforma-se numa forma contínua de gestão. Todas as soluções parece dependerem de mais redução, mais cortes, mais concentração em cada vez

menos, até que os que ficam sucumbem ao peso que não conseguem carregar.

Não parece perfeitamente visível que todas as reorganizações operadas se tenham flexibilizado continuando a manter o mesmo nível de actividade e de resultados.

A continuar esta política as organizações vêm-se reduzidas na sua capacidade de intervenção e de competitividade, operando em espaços bastante menores e cada vez mais longe daquilo que era o seu objectivo: o domínio do mercado. Esta observação parece ser evidente para áreas de negócio onde a rentabilidade pode ser ainda elevada. Esta política, em nossa óptica, torna as organizações vulneráveis aos apêlles daqueles que souberam planejar os seus ajustes e o fizeram com início e conclusão muito rápidos. Trata-se de diagnosticar os verdadeiros ajustes e situar a empresa nesse novo patamar.

Ficha técnica

CAMPEÃO
das províncias

Propriedade:

FEDEIWE

Fundação para o Estado e Desenvolvimento do Região de Aveiro

Aparatado 202 - 3811-901 Aveiro

Tel. 034 23045 - Fax 034 381406

Conselho de Administração

Presidente: João Pedro Simões Dias, Administradores: Amaro Ferreira Neves, Armando Teixeira Carneiro, Fernando Gonçalves Ramos, Jorge Carvalho Almeida.

URL: <http://www.fedewe.pt/ica>

E-mail: ica@mail.icaep.pt

Director:

Luís Vidal

Consulor Editorial:

Costa Carvalho

Director Artística:

Troilleyton, Jorge Vieira Via, Francisco Carlos Lima

Diagramação e Maquetagem:

Helder Monteiro

Relações:

Daniela Sousa Pinto, Maria Reis, Paula Ventura

Telefone 034 386106 / Fax 034 386106

E-mail: cpovincia@bnet.com

Colaboradores:

Amato Neves, Américo Grego, Armando Teixeira Carneiro, Eduardo Maia, Emília Serra, Fausto Ferreira, João Duarte Rebelo, João Pedro Dias, Jorge Henriques, José Manuel Nunes, Luís Costa, Manuel Ferreira Rodrigues, Manuel Galvão, Manuel Pina Dias, Maria Cacká Marado, Maria Emília Carvalho, Paulo Ramos, Paulo Rarava, Vitor Sequeira.

Sede e Recepção de Publicidade:

Rua João Mendonça, 17-2º

3800-200 Aveiro

Serviço Administrativo:

Paula Rodrigues

Departamento Comercial:

Carla Albuquerque, Helena Vileza, Silvia Lenos.

Telefone 034 383787 / Fax 034 386106

Ingressos:

Centro de Imprensa Cozine

Distribuição Vap

Tiragem: 6.000 exemplares.

Regim:

SRP nº 8/922357

ISSN:

0874 - 3622

Distribuição Legal

nº 12744/978

Preço de cada número: 100\$00 / 0,50€

Anisadora Semestral: 2.500\$00 / 12,50€

Anisadora anual: 5.000\$00 / 25,00€



Direitos humanos e responsabilidade social

Manuel Ferreira Rodrigues



Defender os Direitos Humanos é um imperativo ético e civilizacional.

Quando acabamos de comemorar a 50.ª aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, os mais elementares direitos da família humana continuam a ser diariamente desrespeitados. Milhões de homens, mulheres, idosos e crianças são diariamente ofendidos na sua dignidade, espoliados, maltratados, marginalizados, torturados e mortos, após a aprovação de um vasto conjunto de documentos ulteriores, de que destaca o Convénio sobre os direitos políticos da mulher, a Convenção sobre os direitos da criança e os Princípios das Nações Unidas para a prevenção da delinquência juvenil.

No entanto, as violações dos direitos humanos não são diariamente habitual na média. E como se constituíssem uma inevitabilidade do quotidiano das populações. Mais frequentes são as referências aos graves atentados à dignidade e à integridade física dos opositores dos regimes despóticos, às difíceis condições de sobrevivência da população iraquiana, às prisões e execuções na China, à trágica sorte dos Angolares, etc. Constituem um conjunto de breves referências às muitas guerras civis em curso no Planeta — umas finais ou quarenta, actualmente —, com especial destaque para as que dila-

ceram a Europa Balcânica. Não por acaso, muitos rádios são as notícias sobre os conflitos da África (não lusófona) ou da América Latina.

Na sua maioria, essas notícias ilustam diversamente a negação dos direitos à vida, à liberdade e segurança da pessoa, à igualdade perante a lei, à protecção contra a prisão e exílio arbitrários, ao direito a um julgamento justo e público por um tribunal independente e imparcial, ao direito à propriedade, ao direito à liberdade de pensamento, consciência e religião, à liberdade de opinião e expressão e liberdade de reunião e associação pacíficas. Mas, a violação dos chamados direitos económicos, sociais e culturais, que constituem o contributo mais inovador da Declaração de 1948 face aos textos anteriores, raramente é entendida como uma violação dos direitos humanos. E assiste-se mesmo à teorização política ou económica da insustentabilidade dessas direitos e, o que é mais grave, a uma generalizada e cínica aceitação dessas teorias. Entre essas doutrinas contam-se o direito à segurança social, o direito ao trabalho, ao salário igual para trabalho igual, o direito à remuneração suficiente e à livre escolha da ocupação profissional, o direito de criar e aderir a sindicatos, o direito ao descanso e ao lazer, o direito a um padrão de vida adequado e o direito à educação.

As habituais notícias (e os silêncios) sobre a violação dos direitos humanos parecem, afinal, fazer-nos crer que essas situações se verificam apenas nos ditadores e, episodicamente, nos bairros miseráveis das grandes cidades, nas prisões e nos quartéis de polícia dos países democráticos. Nada mais falso!

Nada realidade, um largo conjunto de direitos são desrespeitados sistematicamente, todos os dias, no Emprego, na Família, na Escola e em espaços públicos, com graves e incontroláveis consequências no tecido social.

Fica um exemplo. Tenho duas alunas que foram despedidas por terem decidido estudar. São histórias dolorosas de jovens que, com apenas 20 anos, já conheciam os encontros e os maus tratos no local de trabalho, as intimidações e as agressões físicas dos patrões, perante testemunhas ocasionais... as consultórias dos psiquiatras e as escritórias dos advogados. Agora, desempregadas, exigem apenas a reparação da sua dignidade ofendida! Como na maioria das coisas, mais do que o Estado ou qualquer outra instituição, é a Família que suporta as costas destas situações e amortece o conflito social. Ficaram desempregadas por terem apostado na sua valorização social e profissional! Certamente ficaram desempregadas quando acabarem o curso... Se conseguirem acabar... Um semestre já lá vai... E não se pode dizer nada, porque os processos correm nos tribunais. Depois, já não são admitidos Trabalhavam em duas empresas pouco competitivas, de sectores tradicionais, dirigidos por empresários self-made...

O número de desempregados em Portugal não parece ser tão preocupante se comparado com o de outros países. O mesmo se tem dito sobre o criminalidade juvenil. No entanto, dos quase 15 mil cidadãos detidos nos cadeios portugueses, a maioria é constituída por jovens do sexo masculino. Uns 70% são toxicodepen-

dentes e estão presos por delitos associados à droga. Por enquanto, o número das analfabetas e dos que possuem apenas o ensino básico ainda é maioritário. Por enquanto...

Faço notar que nos recentes tumultos da boia libeche há sinais (preocupantes) de uma nova realidade emergente. Por enquanto, de forma discreta. Nem a polícia fazia a menor ideia de que se estava a passar. Falava-se vagamente de uma conspiração. Não há conspiração nenhuma! Ou melhor, há a "conspiração" acéfala, sem convicções ideológicas, daqueles que foram relegados para os margens do sistema. Sem emprego, sem sonhos nem referências, movidos apenas pelos instintos, esses jovens envergam-se à criminalidade, à mendicância. Como os miúdos que a câmara silenciosa de Teresa Villaverde filmou em Mulheres...

Estaremos perante o que Hans M. Enzensberger num livro recente, chama a guerra civil molecular da Pós-Guerra Fria? Essa guerra civil há muito se instalou nas grandes metrópoles. As suas metástases fazem parte do quotidiano das grandes cidades. Essa guerra, diz Enzensberger, já não é protagonizada apenas por terroristas e serviços secretos, mafiosos e skinheads, traficantes e esquadras da morte, neonazis e segurança, mas também cidadãos comuns, que à noite se transformam em hooligans, incendiários, loucos perigosos e serial killers. À semelhança do que acontece nas guerras africanas, estes mutantes são cada vez mais novos. É um grande erro acreditar que vivemos em paz, só porque ainda conseguimos ir comprar pão sem sermos abafados por um franco atirador...

Do alto do Carmo

Oremos

Vitor Sequeira



Foi anunciada pela Igreja, a avaliar a intenção de mandar construir uma basílica no Santuário de Fátima, com capacidade para albergar no seu seio, dez mil fiéis.

O projecto parece estar já aprovado, faltando, portanto, a decisão final de avançar com as obras.

A estimativa de custos parece atingir alguns milhares de contos.

A obra gerou alguma polémica, mesmo entre a

hierarquia da Igreja, a avaliar por alguns depoimentos que li, de figuras proeminentes dessa mesma Igreja.

O facto da decisão da construção ter sido, ao que parece, adiada por tempo indeterminado, não me priva de dizer o que penso sobre o assunto, dado que, subjacente à construção, está a decisão de avançar para uma obra desasta, e isso é, para mim, motivo suficiente para me pronunciar.

Devo dizer que, para ficar bem claro, sou crente e fervoroso entusiasta de Fátima e de tudo o que rodeia aquele Santuário.

Respeito o espaço físico, admiro a solenidade, preenche-me o significado daquele Santuário, inclino-me respeitosa e, até

porque não seria capaz de o fazer diante dos enames sacrificais, feitos seguramente com fé e com esperança, por alguns dos peregrinos que diariamente ali fluem, das muitas centenas de milhares de fiéis que, todos os anos, ali se deslocam.

Admito perfeitamente que outros tenham por Fátima o mesmo respeito e veneração que eu tenho. Não admira que haja, quem tenha mais.

Tenho, por isso, perfeita legitimidade, se outras razões não houvessem, para dizer que tal projecto, qualquer projecto, que subverta o que existe, de forma mais ou menos substancial, é, para mim, um erro grave em todos os sentidos.

No aspecto físico e paisagístico, ao aspecto religioso e autenticamente cristão.

Fátima vale por si e pelo espaço, pela dignidade e pela imponência simples do seu mistério, pelo sol e pela chuva que apamam os peregrinos, pelo sacrifício respaldado dos seus devotos.

Repto: Tudo o que altere esta situação prejudica de forma irremediável, no minha humilde opinião, aquele Santuário.

Claro que passo falar também do volume de gastos, seguramente com melhor aplicação noutras situações.

Ninguém me consegue fazer perceber finalmente, a vantagem de um projecto que se destina a

albergar 10 mil pessoas,

quando as peregrinações atingem os trezentos mil e, fora dessas ocasiões, parece-me que o espaço que existe é suficiente.

Nunca vi ou ouvi ninguém queixar-se de falta de espaço.

Nunca vi nem ouvi ninguém reclamar de falta de condições ou de comodidade, exactamente no medida em que a maior comodidade será ir ou estar lá.

E, mal de nós, se alguns dos que lá vão recla-

mam por isso.

Não percebem seguramente o mistério e não seria a basílica que os iria fazer perceber.

Espero, sinceramente, que este iniciativa não passe de papel. Espero que a Igreja Portuguesa esteja à altura da sua missão na terra e abandone de vez, e rapidamente, esta ideia.

Por tudo quanto já disse e mais o que se subentende, faz-me mal, só de pensar nestas hipóteses.

Que Deus nos ilumine.

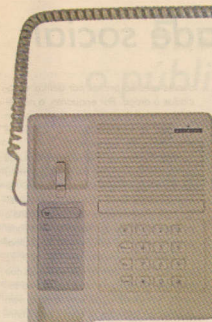
Paulo Santos
advovr

R. Marques Gomes, 22 - 1.º
Tel. 034 382063 - 3800 Aveiro

PROJECTOS
ENGENHARIA

Trav. do Mercado, 5 - 1.º D.º
Tel. 096 851783
3800 Aveiro

Linhas S.O.S.



São muitas as linhas S.O.S. de que os cidadãos portugueses se podem socorrer, para acompanhamento, orientação e apoio emocional. Muitas destas linhas funcionam, porque algumas pessoas cheias de boa-vontade canalizam parte das suas energias e do seu tempo para ouvir pessoas carentes, cansadas do silêncio. Muitas chamadas são gratuitas – as designadas linhas verdes –, outras são pagas pelo apelante, o que muitas vezes diminuiu a disponibilidade de quem precisa de ajuda. Com princípios de orientação mais ou menos semelhantes, todos são unânimes em considerar muito útil a existência destas linhas.

Daniela Sousa Pinto

S.O.S. Crianças: 0800202651

O S.O.S. Criança existe desde 1988. Funciona todos os dias úteis das 9:30 às 18:30 horas. É chamada gratuita desde Setembro de 1998. Para esta linha telefonam muitos adultos, mais do sexo feminino, e também crianças, principalmente nos períodos de férias. São muitas as questões apresentadas: saber como actuar quando se tem conhecimento de maus tratos, denunciar esses comportamentos, viagens ou negligência por parte de pais, familiares, amas, etc. Para dar resposta a estas questões, o serviço de atendimento telefónico tem seis técnicos habilitados a encaminhar, a orientar

tar e a aconselhar os apelantes.

Os dados relativos ao ano de 1998 indicam que foram recebidas 3614 chamadas. Destas, 3050 foram feitas por pessoas do sexo feminino, sendo 203 realizadas por crianças. Os apelantes adultos são na sua grande maioria elementos da comunidade. A seguir aparecem as mães e outros familiares.

«As crianças aproveitam para falarem dos seus problemas, dos problemas dos amigos e para se informarem sobre algumas questões de sexualidades. Os menores que telefonam têm na sua maioria 11, 12 e 13 anos. Mas também receberam cinco telefonemas de crianças com 5, 6 anos.

É da área metropolitana de Lisboa que recebem o maior número de telefonemas (53%). Seguem-se Setúbal e Porto. De Aveiro receberam 61 pedidos de ajuda.

S.O.S. Grávida – 01-3952143

Um dos serviços da Ajuda de Mãe, fundada em 1991, funciona de segunda a sexta-feira, das 10 às 18 horas. É uma linha de preço normal. «Ainda não foi possível, apesar de todos os nossos esforços, arranjar a linha verde». Todas as chamadas são anónimas.

Falámos com a Sofia – nome pelo qual se identifica – que nos explicou que o S.O.S. Grávida funciona como um serviço de apoio e de encadernamento na área da gravidez, sexualidade e planeamento familiar. Mas telefonam muitas pessoas para se informarem sobre questões legais e sociais. «Cinquenta por cento dos telefonemas dizem respeito à gravidez, vinte e cinco por cento ao planeamento familiar; os restantes são procuras relativas a questões legais e sociais». Envolvidos neste projecto estão profissionais – técnicos nas áreas da Saúde, do Direito, psicólogos e assistentes sociais – e alguns voluntários. «Quando não temos cursos de formação. «Quando atendemos o telefone temos que estar preparados para dar respostas.

Naturalmente, telefonam mais mulheres – principalmente com idades compreendidas entre os 16 e 30 anos (50%). Ainda assim, cerca de 10% dos telefonemas são realizados por indivíduos do sexo masculino. Para além de todo o apoio e informação que podem ser dados através do diálogo mantido entre o apelante e a vez amiga, os serviços têm à disposição residências para grávidas; o espaço-grávida, onde realiza a preparação para o parto e um serviço de apoio psicológico. A Ajuda de Mãe, ainda não está em todas as cidades. «Mas temos pessoas espalhadas por todo o país a quem contactamos sempre que existe necessidade de acompanhar alguém por perto. Em Aveiro, ainda não existe ninguém que se tenha disponibilizado.»

São muitas as pessoas a procurar ajuda: «Diariamente, recebemos entre 35 a 40 telefonemas.

Lupus – 0800200231

Tem como objectivo encaminhar e informar os doentes com lupus, os seus familiares e amigos. Funciona todos os dias úteis, das 10 às 18:30 horas (com interrupção na hora do almoço), desde 1997.

Quem atende o telefone são pessoas que se voluntariam para este trabalho; geralmente, são doentes ou outras pessoas a quem é ministrada alguma formação.

Quem telefona são as pessoas preocupadas com a doença, com a forma de lidar com os doentes e que necessitam de aconselhamento ao nível dos médicos especializados na doença, e, ainda, aqueles que pretendem associar-se à Associação. O maior número de telefonemas é feito por mulheres, «também, porque esta doença ataca mais os indivíduos do sexo feminino».

O lupus é uma doença difícil de ser despistada, «porque tem muitos sintomas que se podem confundir com outras doenças, como a queda de cabelo, afectação de alguns órgãos, problemas de pele, etc. Mas estes sintomas podem ser diferentes de pessoa para pessoa. O sintoma comum é a falta de energia, as dores articulares e a febre. Todas os doentes têm uma grande sensibilidade ao sol», explicou Isabel Reis. Em Portugal, existem cerca de 7000 doentes com lupus.

Linha Vida – 0800255255

A Linha Vida existe desde 1993, mas já funcionava com o nome de Linha Aberta, acessível de segunda a sexta-feira, das 10 às 20 horas, sem interrupção. O maior número de apelantes são jovens toxicod dependentes e muitas mães «que procuram saber como lidar com o problema, do qual podem ter a certeza ou apenas desconfiar. Muitas vezes, tentam entender os sinais de alarme, ou procuram saber aonde se devem dirigir», explicou um dos técnicos envolvidos. Todos os intervenientes são pagos pelo Projecto Vida e licenciados em psicologia com formação ao nível da toxicod dependência.

De uma maneira geral recebem entre 30 a 40 por dia. Quem atende tem um nome de código, porque os telefonemas são confidenciais. Os apelantes não se identificam.

O encaminhamento, o apoio psicoló-

gico e emocional para os toxicod dependentes e familiares é o principal objectivo desta linha. Recebem chamadas de todo o país, mas principalmente da área metropolitana de Lisboa e do Porto.

Famílias Anónimas – 01 – 4538709

As Famílias Anónimas são grupos de pessoas cujas vidas foram afectadas pelo uso de substâncias químicas psicoactivas ou por comportamentos de ele relacionados. É uma linha de encaminhamento que funciona desde 1986, todos os dias úteis, das 14 às 16 horas.

«O nosso objectivo é o esclarecimento e a interajuda de familiares e amigos de pessoas com problemas relacionados com o consumo de substâncias que alteram o comportamento. O nosso programa é baseado em “12 passos” e “12 tradições” e vários lemas», explicou Maria Antonieta, um dos elementos do grupo.

Após um primeiro contacto, o apelante é encaminhado para um dos 72 grupos de reuniões que existem espalhados por todo o país. Em Aveiro, reinem-se todas as terças-feiras, às 21:30 horas, no Bairro de Santiago, Rua de Espinho n.º 31.

O anonimato é o alicerce espiritual de todas as tradições. Por isso, cada elemento é conhecido apenas pelo dois primeiros nomes. Em média, recebem 20 a 30 chamadas por dia, «mas há dias em que recebemos muitas mais e outros em que recebemos menos. Tudo depende». Nas horas em que não está nenhum voluntário a atender o telefone, existe o gravador de chamadas no qual se pode deixar o contacto com a garantia de o apelante obter resposta.

Abraço – 01-3425929

Está à disposição dos apelantes, das 10 às 13 e das 15 às 20 horas, todos os dias úteis, há aproximadamente cinco anos. Ainda não têm uma linha verde, «mas o projecto está a ser estudado. A linha verde justifica-se, se puder funcionar 24 horas por dia, o que é muito complicado, porque não temos voluntários suficientes. No



Para as pessoas que se sentem sozinhas, as linhas S.O.S. são muito importantes

Linhas S.O.S.



Telefonamos porque, muitas vezes, só precisamos de desabafar

entanto, estamos a unir esforços no sentido de colocar a linha a funcionar sem interrupções. Mas como não temos apoio governamental, as coisas tornam-se muito mais complicadas», explicou Pedro Xardone, um dos médicos deste serviço.

Quem atende o telefone pode ser um dos 30 voluntários que fazem parte do projecto, na sua maioria com formação superior — médicos, advogados, psicólogos, etc. — e a os quais foi dado um curso de especialização.

Por dia, recebem entre 15 a 20 chamadas. Na maioria de scrotopiosas, mas também de familiares, amigos de pessoas infectadas, de indivíduos preocupados com as formas de prevenção e de muitos utilizadores de drogas. Uns procuram apoio emocional, porque se sentem carentes; outros procuram informações legais, outros, ainda, querem saber quando e onde se deve fazer o despiste da doença. As chamadas não exigem o anonimato.

Os homens telefonam mais do que as mulheres (75% contra 25%). O que pode ser explicado pelo facto de serem mais os homens infectados por esta doença, mas também porque as questões da sexualidade são mais facilmente aceites pelos indivíduos do sexo masculino.

De ano para ano, tem aumentado o número de pessoas infectadas. Pedro Xardone explica que a informação não basta. É necessário que as populações tenham à disposição os meios de saúde necessários. Porque se um toxicodependente, por exemplo, que contraíra doença, não tiver dinheiro para os medicamentos, para uma boa alimentação, para uma vida com o mínimo de dignidade, de que vale a informação? É preciso que se criem infra-estruturas para que o beneficiário seja uma realidade.

A Abração dispõe de gabinetes de apoio, para os quais algumas pessoas podem ser encaminhadas. Avereiro ainda não tem nenhum. «Os gabinetes existem onde há vontade por parte das pessoas da região. Temos, no entanto, alguns voluntários espalhados por todo o país e que servem como pólos de comunicação entre os ga-

binetes», disse, ainda, Pedro Xardone.

Linha Sida — 0800266666

A Comissão Nacional da Luta Contra a Sida delegou as funções do serviço telefónico à Fundação Nossa Senhora do Bom Sucesso. Desde 28 de Fevereiro de 1993, esta linha verde funciona de segunda-feira a sábado, das 14 às 20 horas. Recebem telefonemas de todos o país e do estrangeiro, principalmente de emigrantes.

«Os apalantes procuram, principalmente apoio psicológico, mas, também outro tipo de informações: formas de transmissão, como lidar com o problema, etc.», explica Silva de Sousa, enfermeira e coordenadora do serviço. Os técnicos de saúde e outros atendem cerca de 700 a 800 telefonemas por mês, feitos, na maioria, por homens. «Há meses em que recebemos mais e outros que recebemos menos. As notícias lançadas nos órgãos de comunicação social fazem aumentar os pedidos de esclarecimentos sobre a doença».

S.O.S. Sida — 0800201040

Informar, orientar e apoiar são os objectivos da linha S.O.S. Sida, criada em 1990 e que funciona todos os dias das 18 às 22 horas (exceto nos dias 24 e 31 de Dezembro). Quem está do lado de lá são profissionais psicólogos, médicos, advogados, etc., com formação específica na área de aconselhamento telefónico. Como explica Renata Nascimento, coordenadora da Liga Portuguesa Contra a Sida, «relembro pessoas de todo o país, e das ilhas. Telefonam porque estão preocupadas com a problemática da sida, porque têm um familiar ou um amigo doente, ou simplesmente, porque se querem informar».

«Todos os dias recebem entre 10 a 15 telefonemas. «Gostáramos de aumentar as horas de serviço, mas isso tornouse-a muito dispendioso para nós. De momento, não temos essa possibilidade», disse, ainda, Renata Nascimento.

Em 1998, receberam um total de 3529 chamadas (cerca de 294 por mês).

No entanto, destas (77%) foram sírias e 821 (23%) foram brancas — realizadas por pessoas que gostam de telefonar por brincadeira. Os homens telefonam mais do que as mulheres (62% e 38%, respectivamente).

De acordo com aquilo que é possível verificar, são os heterossexuais que continuam a utilizar mais este serviço. Quanto aos comportamentos de risco identificados, os mais frequentes continuam a ser os de relações sexuais com um parceiro ocasional, seguido das relações sexuais recorrendo à prostituição. No ano passado, verificaram, ainda, um aumento de chamadas com o objetivo de obter informações sobre os locais de análise e modos de transmissão do V.I.H.

S.O.S. Voz Amiga
01-3544545/0800202669

A linha S.O.S. Voz Amiga é a linha mais antiga do país; funciona há 20 anos, e recebeu, desde o seu nascimento até ao fim do ano passado, 175 mil telefonemas. Quem precisar de alguém disponível para o ouvir, pode telefonar de segunda a sexta-feira, das 16 às 24 horas, e de quinta-feira a domingo, das 16 às 7 horas da manhã.

É isto porque, como nos explicou um dos 35 voluntários — o António, como se identificou —, «o fim-de-semana é o período mais difícil para as pessoas que se sentem emocionalmente perturbadas». Este serviço é assegurado por voluntários que recebem formação adequada, ministrada por dois técnicos da área da psiquiatria. Na linha com número verde, a funcionar das 21 às 24 horas, «não existe muita aléluia, porque é um serviço recente. A linha está a ser subsidiada pela Portugal Telecom. Acabando o subsídio, acaba a linha verde».

Disponíveis para atenderem o telefone estão pessoas dos 20 aos 75 anos. «Este serviço aceita mais voluntários, e está alargado a todo o tipo de profissões. O que pretendemos é dar às pessoas um tratamento humano. Quem telefona só em conjunto com crises emocionais, que procuram ajuda de nós soluções para os seus problemas. A nossa ajuda começa e acaba com o telefonema».

As chamadas vêm de todo o país, mas «cerca de 70 a 75% são recebidas da área da grande Lisboa». Recebem por ano entre 7000 a 8000 telefonemas. «Sessenta por cento dos telefonemas são feitos por mulheres. E muito dos apalantes telefonam várias vezes, são os chamados *habituais*. As chamadas são anónimas e confidenciais».

O S.O.S. Voz Amiga é uma linha generalista, «que justifica estar disponível todas as 24 horas. Só em Portugal é que isto não acontece. Mas para funcionar a este ritmo precisamos de, pelo menos, 90 voluntários. Por outro lado, era necessário que se criasse uma linha nacional gratuita, o que até tem vindo a ser prometido pelos governos. Faz muita falta um serviço público», disse, ainda, o voluntário.

S.O.S. Estudante — 0808200204

Uma linha que funciona através do voluntariado de 25 estudantes. Está em

funcionamento desde 17 de Abril de 1997, todos os dias das 20 horas à 1 hora da manhã, excepto durante o mês de Agosto. No entanto, o gravador de mensagens fica à disposição e indica um apertado para onde os estudantes podem escrever, sendo certo que receberão resposta à sua carta. (Aparatado 1063 — 3000 Coimbra).

«A linha já esteve em funcionamento até às duas horas da manhã e pretendemos reactivar esse horário», explicou a coordenadora da linha, Ivone Brás.

Os emigrantes procuram todo o tipo de apoio. Desde informações sobre cursos, saídas profissionais, serviços sociais, e outro tipo de informações práticas, até ao pedido de apoio emocional. «Muitas vezes as pessoas não estão à espera que se resolva um problema prático, que se esclareça uma dúvida, mas sentem necessidade de desabafar».

«Este serviço é feito por alunos e para alunos. A linha não resolve problemas, não queremos que nos procurem, porque acreditam que sabemos tudo».

Uma linha que à semelhança de todas as outras, é de grande utilidade. «Infelizmente, as pessoas precisam destes serviços. O melhor seria que não tivessem necessidade de existirem. Muitas vezes, o problema base é a solidão. Nós somos o outro lado da solidão, como define um dos nossos voluntários».

Associação Portuguesa de Apoio à
Vítima APAV — 02-5502957

A APAV tem uma linha disponível todos os dias úteis das 9:30 às 12:30 e das 14:30 às 18 horas, desde 1992. O apoio dado por este serviço — que conta com muito voluntários — pode ser efectuado por telefone ou pessoalmente, num dos 10 gabinetes que têm espalhados por algumas cidades. Apoio à Vítima significa «apoiar todas as pessoas vítimas de crimes. Este apoio pode ser psicológico, social ou legal», explicou Ana Castro Sousa, gestora do Gabinete de Apoio à Vítima do Porto. Em Aveiro, não existe nenhum gabinete. O mais próximo para os averseiros são o do Porto e o de Coimbra.

Cerca de 90% dos apalantes são mulheres, «porque têm mais facilidade

Continua na pág. 21

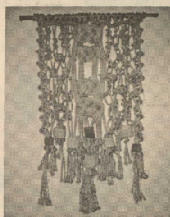
A bijuteria de Paula Mónica



Bijuteria em cerâmica pintada em diversas cores



Os vidrados permitem dar a tonalidade pretendida



Painel em macramé

Paula Mónica nasceu em Aveiro, há 36 anos. Iniciou a sua actividade como artesã há cerca de seis anos. Os trabalhos manuais sempre a encantaram, por isso, depois de alguns anos no Porto a estudar e a trabalhar no Porto como manequeim, decidiu que não ia ficar em casa sem fazer nada. Resolveu dedicar-se ao artesanato. Fez alguns cursos e conheceu muitas pessoas que a ensinam a trabalhar. Gosta, principalmente, dos materiais pobres: o barro e a corda, com os quais faz colares, brincos, anéis, cintos, e os botões, e painéis em macramé. E tem como objectivo continuar, experimentar novas técnicas e novos trabalhos. Mas um passinho de cada vez.

Daniela Sousa Pinto

Ficar parada em casa não estava nos planos de Paula Mónica. Habituada a uma vida activa que passou pelos estudos no Porto, nos trabalhos como manequeim e como assistente de vendas, deixar de ter um trabalho estava fora de questão. Começou pela bijuteria. «Gosto muito deste tipo de trabalhos. Mas não gosto de fazer peças muito pequenas. Tenho que olhar e ver ao longo aquilo que estou a fazer. Mesmo as peças pequenas têm que ser mais ao menos grandes!»

«Pensou procura os seus trabalhos são as pessoas que já a conhecem. «As pessoas conhecem-me, sabem que eu faço este ou aquele trabalho e entram em contacto comigo. Também ponho algumas peças em lojas. Mas para poder vender os meus trabalhos precisava de tempo para os po-

der ir mostrar aos clientes, ou seja, fazer a promoção das minhas peças. E isso leva muito tempo.»

Nunca ambicionou um curso superior, «porque nunca me imaginei a ser engenheira, médica... Na minha época não havia cursos de formação.» Mas fez uns cursos iniciação à cerâmica e de roda. «Trabalhar na roda é fantástico, mas é muito complicado. A posição dos dedos é o que possibilita fazer crescer a peça,

com a sua inspiração e, depois, é pintado e vidrado; a corda é trabalhada ao sabor da imaginação e da vontade que surgem sem hora nem data marcada. «Trabalho quando me apetece ou quando tenho que responder a alguma encomenda. A cerâmica é um trabalho complicado. Como eu não tenho forno em casa, para cozer os meus trabalhos, utilizo o forno do CEARTE. «Para terminar os trabalhos tenho que utilizar o forno duas

peças não são caras. Pelo menos é isso que as pessoas me transmitem.»

Os materiais de que necessita são muito difíceis de encontrar em Aveiro. «Por isso, vou muitas vezes ao porto para os comprar. Por outro lado, os que consigo encontrar em Aveiro são muito mais caros. Não compensa...»

«Gosto dos materiais pobres e não pretendo dizer nada com aquilo que faço. Trabalho ao sabor da vontade e da inspiração. O que sai, sai...» Por enquanto, a maioria dos seus trabalhos são em bijuteria e em macramé, mas de vez em quando faz umas bases para copos, e outros trabalhos, mas «prefiro não dispersar muito, para não me perder».

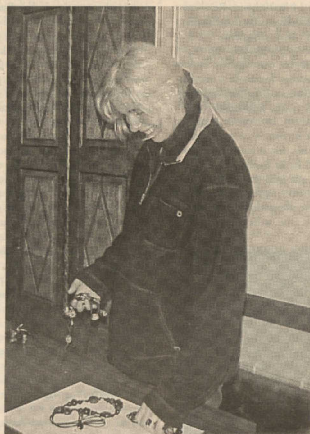
«As pessoas não estão sensibilizadas para o artesanato»

Apesar de gostar muito do seu trabalho, e de aproveitar a Feira de Artesanato da Região de Aveiro (FARAV) para mostrar os seus trabalhos, para dar a conhecer as suas pequenas maravilhas, verifica que «as pessoas não estão muito sensibilizadas para o artesanato. Não entendem que os trabalhos são todos feitos manualmente, que não há um trabalho igual ao outro, e que se demora horas a terminar uma peça!». A verdade é que as pessoas estão habituadas aos processos industriais e esquecem-se que para fazer trabalhos em artesanato é preciso ter talento, tempo e gosto. «Viver do artesanato é quase impossível.»

«Mas, também há pessoas que gostam e que se interessam por saber como se faz, quais os materiais utilizados, que sentem curiosidade, principalmente as mulheres, talvez pelo género de trabalho que é.»

Não participa noutras exposições, porque nem sempre é fácil. «Recebo os convites, mas não consigo os tirar, nem sei quais as condições que vou ter para expor os trabalhos, por isso, não tenho ardicado.»

«As pessoas pedem para Paula Mónica ensinar a fazer os seus trabalhos. No entanto, dar cursos, está, pelo menos por enquanto, fora de questão. «Ainda não sei o suficiente para poder ensinar. Mas, quando as pessoas me pedem, eu digo faz desta ou daquela maneira. Mas do que isto não posso fazer.»



«Ainda não sei o suficiente para poder ensinar»

moldar desta ou daquela maneira... É impressionante. Gostava de continuar, mas ainda não apareceram cursos de continuação.»

«Gosto dos materiais pobres»

Nos seus trabalhos utiliza o barro e a corda. O barro é trabalhado de acordo

vezes: as peças têm duas cordaduras. Depois, conforme pretendo que fiquem mais ou menos claras, deixo-as cozer mais ou menos tempo. Tudo depende do resultado que pretendo obter. Transporte os trabalhos em malas, com muito cuidado, porque as peças não podem tocar umas nas outras... É um trabalho muito cuidadoso. E as minhas

Achegas para a historiografia queiroziana (V)

Eça de Queiroz em Verdemilho

«Já não se respeita a vontade dos mortos...»

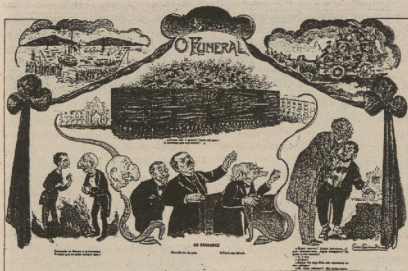
Jorge Henriques

Em pouco tempo esmoreceu a «euforia» que tal notícia provocou junto da população de Aveiro. O Século noticiava: «Eça de Queiroz não deixou nada determinado com respeito ao lugar onde desejaria ser sepultado. Seu respeitável pai, Sr. Teixeira de Queiroz, é que lembrou o jazigo de sua família em Verdemilho, deixando, porém, a deliberação definitiva à viúva, a qual optou pelo jazigo de Lisboa, de seu irmão Alexandre de Resendes».

Tinha entretanto o governo tomado todas as disposições necessárias para que Eça de Queiroz fosse sepultado em Aveiro, preparando mesmo um comboio especial para transportar os seus restos mortais e eleito uma comissão para o efeito.

O Jornal de Notícias, do Porto, com data de 29 Agosto, lamentava: «Agora outra notícia que vem provar que já não se respeita a vontade dos mortos como outrora era costume. O Correio da Noite recebeu um telegrama do pai de Eça de Queiroz assim concebido: «Casais, 28 — O corpo de meu filho fica em Lisboa na jaziga de meu cunhado Alexandre Resendes». Este telegrama põe de parte a ideia de ramaria a Aveiro, acompanhando o corpo de Eça e o primitivo programa da imprensa por isso ser modificados».

Conhecedor desta decisão, Homem Cristo, no jornal de que era proprietário, O Povo de Aveiro, no seu n.º 848, de 2 de Setembro de 1900, aproveitou mais uma vez para desancar e ameaçar os literatos lisboetas: «Já não vem para Verdemilho o cadáver de Eça de Queiroz. O grande romancista, o intrasigente e sarcástico analista, o flagelador irritante do hipocisita, do fanatismo pelintista e torpe, da beatificação clerical, do reaccionismo humilhante que faz da nossa sociedade de hoje um feudo de gente do Sacré Coeur, desconsorça o corpo de Eça em Lisboa, o seu espírito de demolir infatigável. Como era natural, esta contra-resolução vem modificar completamente os planos espantosos dos homens de letras de Lisboa [...]». A manifestação que em Lisboa se prepara há de ser um fias-



«A PARÓDIA»: Rafael Bordalo Pinheiro e Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro satirizaram as cerimónias oficiais, que marcaram, em Lisboa, o enterro do romancista

co. E, então vêm-lhe-emos [...]». Pelo mesmo caminho irá a manifestação fúnebre dos lisboetas, porque tem a orientá-los os mesmos cérebros que produziram as banalidades que todos os dias estamos a ler na imprensa de exploração, que tanto pode viver de notícia circunstanciada do crime, como do silêncio torpemente comprado, mas nunca de ideais «levantados». É mesquinho mas é verdade. Desse fracasso, quase certo, nos libertou a decisão da família Queiroz, guardando em Lisboa os restos de que é o mais justo título de glória da nossa literatura contemporânea».

Dissolveu-se então a comissão que em Aveiro fora eleita para receber os despojos de Eça de Queiroz.

O cortejo fúnebre saiu do Terreiro do Paço, onde se encontrava o Presidente do Conselho, políticos, jornalistas, artistas e segundo Rocha Martins «gente exhibicionista». O pai, Teixeira de Queiroz, octogenário, não se incorporou no cortejo. O fúnebre foi conduzido num carro que fora ornamentado por Rafael Bordalo Pinheiro, tendo o cortejo fúnebre passado no dia Augusto, Rocio junto à casa que Eça habitava, rua da Palma e de Anjos, com destino ao cemitério do Alto de S. João.

Quando se quis meter a uma no jazigo de seu cunhado Alexandre, verificou-se que a mesma não cabia. «E lá foi o

cangalheiro, o senhor Montes, até Cascais, pedir licença à família do morto para desparafusar as argolas do caixão. E essa tarefa realizada no dia seguinte, seria um ticho, dos lígubres e macabros, da obra queiroziana» (Rocha Martins).

Homem Cristo não esqueceu a «frentada», quarenta anos passados, volta ao assunto nas páginas do seu jornal... Assim, nas edições de 19 de Maio e de 16 de Junho de 1940, escreve: «Eça de Queiroz compreendeu-a (a Joaquim José de Queiroz), por certo, e por isso desejou desconsorçar junto de seu avô. Só assim se compreende que logo que morreu, em Paris, de Paris se informasse para Portugal, que ele seria enterroado em Aveiro [...]». No entanto, tudo indica que Eça de Queiroz quis de facto ser enterroado em Aveiro. Doutra modo como se explica que essa ideia surgiu logo que em Paris se deu o seu falecimento? Foi de lá que veio a notícia. Ora a viúva não era daqui, nem desta região. Talvez nunca tivesse vindo aqui, porque José Maria Teixeira de Queiroz, pai do grande escritor deixara de vir a estes sítios depois de fixar residência fora de Aveiro. A viúva nunca entrara sequer no cemitério do Bonsucesso, onde o jazigo da família Queiroz tinha sido abandonado ao maior esquecimento e desprezo. Para que surgisse em Paris, logo que o grande escritor fechou os olhos, o

ideia de trazer o cadáver para Aveiro, é necessário que tal ideia já tivesse sido em família ventilada, por indicação ou com a aprovação do próprio Eça. Confirmamos nesse raciocínio o facto de a viúva, muitos anos depois, pouco tempo mesmo antes da sua morte, ter querido transportar o cadáver de Lisboa para aqui, como arrependida, por influência de alguém ter mudado de resolução em 1900, no momento da chegada a Lisboa do cadáver de seu marido».

Efectivamente, em 17 de Dezembro de 1932, estando na Granja, Emília de Castro Pampalona, viúva do escritor, dirigiu a Luís de Magalhães, velho amigo da família, a seguinte carta: «Já lhe devia ter escrito, mas mil pequenas coisas me têm impedido e se hoje ainda lhe não mandei a carta aceitando e agradecerando a oferta de jazigo para meu marido é porque o quero consultar sobre o que posso pedir a esse respeito. Eu desejava muito reunir o meu marido e o meu filho, foi o que me fez pensar no jazigo já existente ao pé de Verdemilho, tendo só uma reputação em que fossem para debaixo da terra, por isso fiquei muito grata quando soube que alguns pessoas de Aveiro desejavam fazer um novo jazigo para meu marido e filho».

Mas o meu desejo é que essa família fosse só o dele pessoalmente, mulher e filhos, que são os únicos de Eça de Queiroz. O meu sogro era Teixeira de Queiroz, e esse avô, que decerto foi aquele que mandou fazer o jazigo existente em Verdemilho, era, creio eu, Almeida de Queiroz. Parece-me que esse está muito tranquilo no seu jazigo ao pé da mulher e que não há razão nenhuma para de lá a tirar. Parece-me que mudá-lo para o novo jazigo já era um pouco fazer política, o que eu não quero de maneira nenhuma. Acha possível que eu peça, ou claramente, ou por intermédio de Luís de Magalhães para que o jazigo fosse numa capela, pois mesmo com capela — simples — faz, pode ser artística, e que seja reservado só para a sua família, mulher — filhos? Logo que eu tenha a sua resposta mando-lhe a carta com o meu consentimento, diga-me a quem o devo dirigir, a si, ao principal senhor de Aveiro que quis fazer esta homenagem a Eça de Queiroz, ou a todos juntos?

Continua no próximo número

NA LEITURA DA REGIÃO
PARA OUVIR EM TODO O MUNDO

www.ciberguia.pt/radiomoliceiro

MOLICEIRO
FM 94.4

Viagens... Algumas na nossa terra

Emedé

Não concebo falar-se de Espanha, sem que de imediato nos venha à lembrança essa encantadora cidade que é Toledo.

Talvez porque a minha cidade não tenha um verdadeiro centro histórico, por não termos realmente aquilo a que os nossos vizinhos designam por "casco viejo", por não termos a coragem e o saber para preservar algumas coisas antigas que por cá vão resistindo à febre da construção, porque eles não deixam afogar letreiros luminosos em edifícios Arte Nova, enfim, por tudo isto e mais aquilo que eu não sei explicar mas sinto, Toledo é uma das cidades que fazem parte do meu imaginário.

Perfoamos até a "nuestros hermanos" aquela sua mania de comerciar a sua monumentalidade, para nos fazerem pagar duas vezes as entradas nos edifícios que constituem hoje património da humanidade.

"Queres ver a casa de El Greco?" — é preciso pagar duas mil pesetas.

"Queres ver o quadro mais famoso do artista?" — está aí, mas em sala separada, e é preciso pagar mais mil e quinhentos pesetas!

E a nossa curiosidade, o nosso interesse por coisas belas, levam-nos ao interior da interessante casa onde, em 1575, El Greco assentou vivenda e atelier. E quem resiste a pagar um pouco mais para poder apreciar, longamente, aquele "Entero do Conde de Orgaz", talvez a maior obra do artista...

O exemplo do artista não foi, contudo, seguido pela municipalidade de Toledo. Na verdade, diz-se que, quando morreu, El Greco deixou mais de duzentas obras por acabar.

Toledo reconstrói-se junto ao Tejo, com rigor e minúcia. O espaço urbano alargase, e estende-se por quilómetros, sem que se possa vislumbrar qualquer indício de

construção moderna, a que se, por um lado, torna a reconstrução lenta e dispendiosa, por outro dá-nos um aspecto de verdadeira história, que é realçado pela pátina do tempo, e pela saudada ausência do cimento.

E não nos pareceu que os visitantes se incomodassem com os tapumes, os fatiamentos com os tubos dos andáimes, e as senhoras não recebiam ficar presas pelas focções dos sapatos nos fojes graníticas dos calçadões.

Casualmente instalado no mesmo hotel que nós, em Madrid, um casal de Algés, um pouco mais velho, quis partilhar das nossas aventuras, e pediu licença para nos acompanhar. Eram pessoas simpáticas, e muito interessadas, pelo breve nos formámos bons amigos. E conhecemos encerramos a longa caminhada pelas "calles" de Toledo.

Depois de demorada visita pela cidade, convém deixar sempre algo para ver noutra ocasião, sentámo-nos numa esplanada, para descanso de pés e hidratação das gargantas. Era momento de reflexão, e também de falar sobre projectos para o resto das férias.

Com grande naturalidade, referimos que, como era domingo, íamos jantar a um restaurante no centro de Madrid, onde serviam umas excelentes "paellas". Penso que devo ter acertado na palavra chave, pois o céu iluminou-se com os nossos amigos.

Não se fizeram rogados, e ali mesmo expressamos o seu desejo de nos acompanharem, porque gostavam muito daquele prato "levantino", porque ainda não tinham comido uma "paella" realmente cristã, enfim, eu não podia dizer que não. Argumentei, como bom cicerone, que, se quisessem, poderíamos comer ali mesmo em Toledo. Estávamos em boa terra, a "Temera de Castilla" era famosa, e a perdiz esfuada à moda do região era fenomenal... além disso os tintos de Muñilla, ou os afamados brancos de Yépes ou o Talavera...

Mas não! Estavam decididos. A

Madrid! E por certo aqueles setenta quilómetros que separavam as duas cidades deviam ter parecido muito longos aos nossos amigos lisboetas.

Uma breve passagem pelo hotel, um banho retemperados, uma roupa fresca e eis-nos de novo na rua, a caminho da Praça Mayor. Ali bem perto encontramos o Hoogar Gallego, casa bem simpática, com todas as características da Galiza e do nosso Minho, onde nem o pátio coberto por densa ramada fallava. Embora com uma casa já muito composta, malgrado a hora ser de jantar para portugueses mas não para espanhóis, conseguimos mesa no exterior, facto que surpreendeu, dado estarmos a viver os feriados de Junho e haver imensas turistas.

Peminhos são a mesa, e logo aparece o chefe para receber ordens. Pedimos para entrada uma das especialidades da casa, a sopa de peixe e mariscos, e as bebidas. Não tivemos tempo de pedir mais, pois logo o funcionário nos disse voltar mais tarde.

Bem depressa nos foi colocada à frente uma excelente sopa, onde não faltava nada. Amêijoas fresquíssimas e os mexilhões das rias de Vigo, pedaços de cherne, as gambas, e talvez, não vou, pedaços de lagosta. Ou seria sapateira?... Comeu-se e não se chorou por mais, porque ainda não tinham o prato de resistência, que eu tanto tinha propagandeado.

Mesa limpa e a solicita presença do chefe — "Bueno, y que más?"

Creio que o grilo saiu em unissono: "Paella! O senhor olhou-nos surpresa, e deus-nos a má notícia.

Hoje é, domingo, e nós ao domingo não servimos "paella" ao jantar!

Nem queríamos acreditar no que estávamos a ouvir. Argumentámos que tínhamos vindo de Toledo propostamente para comer ali aquele prato. Que era uma tradição que cumpríamos todas as vezes que visitávamos Madrid. Que levava ali propostamente aqueles amigos para conhe-

cerem a casa, enfim, algumas mentirinhas mais que não criam problemas, mas que tentavam mover o senhor. Ele mostrou-se desolado, e ao mesmo tempo compreensivo. Pediu-nos um minuto e desapareceu lá para os laços da cozinha. Quando regressou, tinha nos olhos um brilho especial, que augurava boas notícias.

Vão os cavaleiros agardar uns vinte minutos e logo lhes vou servir a melhor "paella" do país.

Não foram vinte minutos. Tive trinta a quarenta, mais vintu a pena. Colocada a "paellera" numa pequena mesa lateral, foi o próprio chefe que se encarregou do empromentamento, outra arte que nem sempre é bem compreendida no nosso tempo. Tinha um aspecto excelente, que bem depressa começamos a chamar a atenção de outros clientes.

Aos nossos agradecimentos, o chefe Ruivo, nessa altura já lhe conhecíamos a graça, respondeu-nos que não tínhamos que agradecer. Afinal, não podia deixar ficar mal um quase contentamento. "Eu sou galego — disse — sou de Pórrino". E, de vinho, claria, teria que ser a Ribeiro, pois ele estava tornando igual ao nosso vinho verde...

Quando a nossa fome começava a acalmar, e eu satisficido com o prazer que notava nos nossos amigos por terem finalmente comido uma boa "paella", o mestre Ruivo aproximou-se, e, em bom galego, falou-nos dizendo:

— Os senhores meteram-me num bom assado! Agora toda a gente vai querer "paella"!!

Eram palavras acertadas, pois verificámos que era notória a pontaria com que alguns dedos apontavam para a nossa mesa, sem perderem tempo à ver o menu. Um abanar de cabeça do chefe, e sempre a mesma repetição. A nossa refeição ficou encomendada de véspera, e ao domingo não havia "paella" na lista.

Não. Delintivamente não vou afirmar que seríamos 100 mazinheiros que nos estávamos a deliciar com a situação! Isso não. Mas que aquela "paella", naquela noite de verão tinha um paladar muito especial, lá isso tinha!

Cavacos de S. Gonçalves

Uma tarde no Forum (II)

Manuel Gangelos

Os utentes eram, para mim, quase desconhecidos, não obstante eu ter aviesnido há muitos anos! A grande maioria devia ser de outras paragens, atraída por um empreendimento de eleição que é o Fórum de Aveiro.

Notei que havia uma especial incidência para as áreas do restaurante e de lazer. A comida é boa e variada, com óptima apresentação, e, segundo o aforismo popular, "comer e coçar" por

demais é começar.

Mas o comércio, com grande variedade de artigos, também se fazia notar, embora, e como sempre acontece, houvesse mais gente a passear do que a comprar.

Achei imensa graça a uma senhora, já idosa, toda vestida de negro, com saia da mesma cor, que devia ser de qualquer aldeia recôndita, perdida na serra, que nunca tinha andado numa escada rolante! Fez várias tentativas e, por fim, foram os familiares que a levaram quase a força. Quando a senhora chegou ao cimo,

riu-se muito tapando a boca com a mão, tentando esconder o efeito do tempo numa dentadura que devia ser banita quando era nova. E respirou fundo. Acabava de fazer o baptismo da escada rolante!

Mas, o que me deixou impressionado do sobramanejo, foi ver uma enorme percentagem de senhoras a fumar, em especial as jovens!

Conforme pude observar, as jovens fumam com paixão, soboreando paulatinamente o fumo, lançando-o depois, através das lábios quase cerradas, como



que atravessando a descarga da bafarada esbranquiçada. No atmosfera poluído o ar que outros vão absorver, embora nada tenham a ver com esta opção 100 pernicioso ao ser humano. Um verdadeiro desperdício!

Há um facto curioso que também me chamou a atenção e define ambas as sexos na acção fumante. Enquanto quase todas as mulheres dão pequenas pancadinhas no filtro do cigarrão com a ponta do dedo polegar, com a finalidade de fazer saltar a cinza, os homens batem no cigarrão com o indicador, para o mesmo efeito, como que castigando-o pelo mal que lhe está a fazer, mas ao qual não podem fugir.

As senhoras mais maduras procuraram resolver o problema da cinza de qualquer maneira porque o prazer já se foi!

Duma maneira geral é só para "ar-mar".

Continua no próximo número

Gilberto Madail, presidente da FPF

“Euro 2004 pode ser a viragem de um ciclo”

A candidatura portuguesa ao Euro 2004 é um dos pontos que marcam o segundo mandato de Gilberto Madail à frente da Federação Portuguesa de Futebol. O presidente do organismo máximo do futebol nacional acredita numa vitória lusa e diz que tem sentido uma «grande abertura a nível das federações europeias relativamente à forma como apresentamos a nossa candidatura e às nossas razões».

Relativamente à própria Federação, urge fazer uma análise introspectiva com vista à modernização e evolução actual do futebol, bem como fazer uma distinção entre Liga de Futebol-órgão e Liga-sócio.



«É necessário que os jogadores tenham motivação para jogar na selecção nacional»

Marta Reis

Campeão das Províncias (CP) - Foi recentemente reconduzido no cargo de presidente da Federação Portuguesa de Futebol (FPF). Quais os principais objectivos para os próximos quatro anos?

Gilberto Madail (GM) - Para este mandato, os objectivos serão, fundamentalmente, cumprir as grandes prioridades do passado. A primeira passa por manter a Federação estável do ponto de vista económico-financeiro. A segunda é continuar a pugnar pela credibilização do futebol português, uma área de grande dificuldade, na medida em que há muitos agentes, muitos intervenientes. Mas temos que conseguir, como no passado, aumentar a credibilidade que interna que externa da Federação e do futebol português. O principal objectivo deste mandato será olharmos para dentro da própria Federa-

ção e vermos que tipo de reorganização temos que fazer para a adaptar à modernização e à evolução actual do futebol, e olhar também para dentro do futebol português, com todos os agentes e intervenientes, para vermos também o que é necessário fazer. Não será, como se costuma dizer, “parar para pensar” - nós temos que continuar a andar - mas temos que fazer algo para colter as impressões, não de técnicos do futebol, mas daqueles que na prática o conhecem, para que possamos, de facto, inseri-las dentro daquilo que são as linhas do nosso programa. Nesse sentido, umas das primeiras acções que vamos realizar, o mais breve possível, dentro dos próximos dois meses, será um grande encontro, selectivo, com aqueles que estão mais directamente ligados ao futebol, para que possamos vir se algumas das conclusões que possam surgir desde reflexão sobre o futebol português, têm viabilidade para

serem implementadas em termos da própria Federação.

Até Julho temos que continuar a fazer um trabalho de convicção

CP - Relativamente ao Europeu de 2004, pensa que poderemos ter uma vitória nesse campo?

GM - Tenho que ser realista, mas também tenho que ter fé e acreditar, porque se nós, Federação, que lançamos este projecto não acreditamos, quem é que vai acreditar? Agora, temos que ver que a candidatura portuguesa, neste momento, tem 33,3% de hipóteses, uma vez que existem três candidaturas. É verdade que nós sentimos uma grande abertura a nível das federações europeias relativamente à forma como nos apresentamos a nossa candidatura e, basicamente, aquilo que são as nossas razões quando confrontados com as outras candidaturas. Até lá - a decisão

será tomada em Julho - ainda vamos ter que continuar a fazer um trabalho de convicção, quase de *lobbying*, mas temos consciência, e toda a gente tem que ter os pés bem assentes no chão, do que é o poder do futebol espanhol e do que a força de uma candidatura austro-húngara. Temos que ter esperança que o organismo que superintende o futebol europeu, tenha duas premissas importantes quando tomar a decisão. Em primeiro lugar, é saber se os efeitos que um acontecimento destes - que põe um país no mapa do mundo, que faz mais por um país do que, por vezes, centenas de outras realizações que possam acontecer - pode ter; e para Portugal, este acontecimento pode ter grandes efeitos ao nível do futebol, não só pelos novos estádios que se pretendem construir, mas em todo o conjunto de investimentos que o futebol pode aproveitar, nomeadamente, recuperações de campos de treinos, e uma maior credibilidade para um maior apoio para as áreas de formação. Para além disso, um evento desta dimensão terá também efeitos indirectos na própria economia.

CP - Acredita que a selecção nacional pode chegar à final do Europeu 2000?

GM - De entre os nossos objectivos específicos, isso é um imperativo que temos. Portugal, pelo seu potencial futebolístico - e o que vou dizer é o que se passa no futebol jovem - tem que começar a estar sempre presente em todas as fases finais dos campeonatos europeus e mundiais, e não o contrário. Até agora temos sido uma excepção: de vez em quando vamos a um mundial, de vez em quando vamos a um europeu. No futebol jovem, sub-16, sub-17 e sub-20 - onde estamos qualificados para o Campeonato do Mundo, da Nigéria - é uma constante Portugal estar representado nas fases finais. Ora, isso também tem que ter uma tradução em termos do futebol sénior. O que que-

continua na pág. seguinte

Lei do Mecenato será muito útil para o desporto

CP - Num entrevista recente ao jornal “O Jogo” referiu que era necessário fazer uma distinção entre a Liga-órgão e a Liga-sócio...
GM - Sim. A estrutura organizativa da Federação tem um órgão Liga, que é o órgão que gere as competições profissionais, e esse órgão é simultaneamente sócio.

CP - Há aí uma certa ambiguidade...

GM - Exactamente. É a mesma coisa que se o Conselho de Arbitragem da Federação fosse também sócio da Federação. Há aqui coisas que é necessário esclarecer e clarificar-nos, porque podem dar origem a muitos equívocos e mal entendidos.

CP - Colisões de competências?

GM - Penso que não tanto de competências,

porque as competências estão claras. O problema que está aqui é que um órgão que depende da estrutura máxima do futebol português, que é a Federação, não pode ser também o maior sócio da Federação, senão pode haver uma correlação que não é saudável. É uma questão nova, estamos ainda a aprender a conviver com ela, mas acho que é necessário ha-

ver uma clarificação entre o que é o órgão-Liga e quem é o sócio-Liga.

CP - A Lei do Mecenato Desportivo foi já aprovada. Qual a sua opinião sobre esta nova lei?

GM - Penso que é um passo em frente. Acho que é muito bom tanto para o futebol como para as outras modalidades desportivas, que estejam inseridas em todo o espaço nacional e não algumas modalidades localizadas em alguns sítios. Acho que esta nova lei vai permitir ao mundo empresarial investir em termos do desporto

em geral, e do futebol em particular, e ter algumas recompensas pelo facto de fazer esses investimentos. Essas recompensas traduzem-se nos benefícios fiscais que estão previstos na Lei do Mecenato Desportivo, que, estou convencido, será muito útil para o desporto.

CP - Que comentário lhe merece o facto de a inserção do Desporto não ter sido contemplada nessa lei?

GM - A Confederação do Desporto de Portugal tem que repensar o que é e qual deve ser o seu papel. A

Confederação é o conjunto de federações das quais há algumas que não estão satelitadas com a sua acção, nomeadamente, o futebol. Embora eu seja o primeiro vice-presidente da Confederação, há coisas que nós achamos que devem ser responsabilizadas. A Confederação não tem que estar abrangida pela Lei do Mecenato Desportivo, porque não tem realizações próprias, é apenas o somatório das realizações das federações que estão associadas. As federações desportivas e aos clubes é que tem de ser aplicada a Lei do Mecenato.

Palatsi e Cristiano aptos em Fevereiro

Beira Mar recebe Benfica a um ponto da "linha-de-água"

O Beira Mar não vai ter, uma vez mais, a vida facilitada. Uma semana após a deslocação às Antas, que ditou um resultado tão expressivo quanto inesperado, é a agora a vez de os "pupilos" de António Sousa defrontarem o Benfica.

A formação aurengra recebe, amanhã, o clube da Luz, motivado após a vitória em casa frente ao Rio Ave, por 3-1. O facto de estar a apenas um ponto do FC Porto, constituirá uma motivação extra para os comandados de Graeme Souness, que não pretendem "descolar" do líder do Campeonato Nacional.

Após a derrota no terreno dos

tetracampeões, o Beira Mar vê-se agora numa situação complicada na tabela classificativa, estando apenas a um ponto da linha de água. A formação aurengra terá a complicada de missão de pontuar no jogo com o Benfica, tendo apenas como atenuante (ou não) o facto de jogar no Mário Duarte.

No que concerne à equipa que irá defrontar os "encarnados", as diferenças não deverão ser muitas relativamente a anteriores partidas. A única excepção é a não inclusão de Lobão que, no jogo das Antas, fracturou a terceira vértebra da cervical, estando afastado da competição até final

desta época.

Afastados do jogo do Benfica estão também Cristiano e Palatsi, que se encontram a recuperar de lesões. Os dois jogadores, que estão impedidos de treinar com a equipa, deverão estar aptos para voltar à competição, segundo o chefe do Departamento Médico do Beira Mar, Paulo Maia, dentro de, aproximadamente, duas semanas.



Beira Mar prepara recepção ao Benfica

Remo: Circuito de Longas Distâncias

Caminhense é o novo líder

A ria de Aveiro foi, no préterito sábado, palco da segunda etapa do Circuito de Longas Distâncias.

Excelentes condições climáticas para a prática da modalidade e muitas pessoas a assistir ao espectáculo.

O Caminhense é o novo líder na regata de oito, com 23m,49". Os minhotos destacaram-se desde os primeiros metros do percurso. No entanto, a vantagem foi de apenas cinco segundos sobre os espanhóis do Clube de Remo do Miño. O Na-

val Infante D. Henrique, que liderou todas as provas até aqui, assegurou o terceiro lugar, ficando a seis segundos do primeiro classificado.

Apenas um ponto separa o Caminhense e o Infante — o que deixa a decisão final do circuito para a última etapa: Taça do Presidente da República, agendada para 14 de Março no Miño.

Para além da vitória do Caminhense, destaca-se a excelente recuperação dos remadores do Clube dos Galitos — que se classifica-

ram em quarto lugar, a 22 segundos do vencedor.

A derrota do Infante acabou por ser compensada pelo domínio no shell de quatro, competição em que apenas os atletas do Vilacondense e do Sport mostraram alguma oposição. Por uma questão tática, o treinador do Infante optou por colocar os seus melhores valores no quatro — uma jogada que teve como preço a derrota no oito. Na prova de shell de quatro masculino, o Clube dos Galitos ficou em sexto lugar, a 2m,49 da

equipa vencedora.

Na regata reservada aos femininos, A Associação Académica de Coimbra voltou a vencer. Mas desta vez a tarefa não foi facil,

porque a tripulação do Ginásio Clube Figueirense não facilitou o trabalho.

O Circuito de Longas Distâncias é uma organização conjunta da Associ-

ação Portuguesa de Remo do Porto, do Clube dos Galitos e do Caminhense, contando com o apoio técnico da Federação Portuguesa de Remo.



A segunda etapa do circuito de longas distâncias

Continuação da pág. anterior

o dizer é que pode ser que se inicie agora um ciclo, e que Euro 2004 iria contribuir muito para isso. E qualificando-nos para o Euro 2000, como eu tenho quase a certeza que nos vamos qualificar, teríamos que nos qualificar também para o Campeonato do Mundo de 2002 e depois teríamos qualificação imediata para o Euro 2004, se fôssemos nós a organizar. O Euro 2004 pode ser, assim, a viragem de um ciclo de presenças permanentes e não de excepções.

É necessário que os jogadores tenham motivação e inspiração

CP — Na nossa Seleção é um conjunto de estrelas, de grande jogadores e, no entanto, parece que não tem sabido traduzir esse potencial em termos práticos, em resultados...

GM — Não fomos aos Estados Unidos, porque perdemos o jogo em Itália por 2-0, depois tivemos uma excepção — fomos ao Euro 96 —, não fomos ao Mundial de França porque, apesar de termos perdido apenas um jogo dos 12 jo-

gos que disputámos, empatámos jogos demais, e o nosso adversário, a Ucrânia, foi apurado tendo perdido duas vezes. Depois, no futebol, é fundamental a determinação dos jogadores e a sua inspiração. O que é importante, e que nós pretendemos, é que os jogadores se automotivem e criem essa inspiração para jogar na selecção, porque as seleções nacionais são, talvez, uma das melhores formas de promoção do próprio futebol em si, mas também dos próprios jogadores. Temos casos flagrantemente de jogadores jovens que estão a ascender nos clubes e outros que estão a jogar no estrangeiro, talvez até precocemente, porque se distinguiram ao nível das seleções nacionais. A nossa convicção é de que é necessário, também, que os jogadores tenham motivação e inspiração para jogar na selecção nacional.

CP — É isso que tem faltado ao jogadores senão?

GM — Provavelmente tem faltado um pouco isso. Não quer dizer que não tenham vontade, porque têm, mas por vezes podem ter uma certa displicência em encarar alguns jogos com adversários mais

fracos. Mas hoje em dia não há adversários os fracos e os nossos jogadores têm que estar conscientes que tanto é importante o jogo contra a Roménia, como é importante o jogo contra o Liechtenstein. O importante é que no final todos os jogos dêem três pontos. É isso que nos temos estado a incutir, fundamentalmente a equipa técnica, nos jogadores portugueses, e penso que, neste momento, todos eles têm uma grande vontade de estar presentes na fase final do Euro 2000.

CP — Humberto Coelho tem estado a corresponder a 100% às expectativas?

GM — Penso que sim. Todos nós somos treinadores de bancada e, quando ele faz uma equipa, não quer dizer que eu esteja de acordo com ele, como talvez não estejam mais 30 mil ou 500 mil, se estiverem a ver pela televisão. O que é verdade é que nós temos tido resultados. Tivemos um resultado que foi um acontecimento do futebol, que foi a derrota com a Roménia; mais uma vez falhámos um penalty, o que já é a terceira vez que nos acontece em termos de campanhas, dominámos uma equipa que é a sétima no ranking mundial e acabámos por perder

o jogo no prolongamento. Depois, a Roménia foi jogar com a Hungria, onde nós vencemos por 3-1, e eles não perderam, por acaso. Portanto, nós temos esperanças. Vamos ter que jogar ainda com a Roménia e talvez vamos sair os nossos "deve e haver" com a Roménia, em Bucareste.

CP — Como avieirense e sócio do Beira Mar, qual a sua opinião sobre a prestação que a equipa tem tido na 1ª Divisão do Campeonato Nacional?

GM — O Beira Mar é uma equipa que tem um dos orçamentos mais baixos, senão o mais baixo, da 1ª Divisão. Portanto, não podemos exigir que impossíveis. Penso que o objectivo é a manutenção. O Beira Mar tem vindo a navegar um pouco acima da linha da água e o importante é que consiga manter-se na 1ª Divisão. Faço votos, como adepto, por que a equipa consiga os seus objectivos. Sei que é difícil, porque o campeonato é muito competitivo. O Beira Mar tem tido determinação, poderá ter sido infeliz em alguns jogos, mas o que interessa é que acabe sempre acima do 15º lugar. Isso é que é importante.

Carlos Paula: guarda-redes que também foi... árbitro!

Caçaréu de gema, Carlos Augusto Santos Paula tem 76 anos. Jogou na época em que as camisolas não tinham números, havia travessas nas botas e os campos eram pelados. Mas foi muito feliz durante o tempo em que se pôde dedicar ao desporto que sempre o apaixonou. Sócio n.º 130 do clube que representou dos 19 aos 30 anos, ainda vai ver os jogos. Não fica nervoso, mas muito triste quando os resultados não são favoráveis ao clube avarinegro. Porque o Beira Mar será para sempre o seu Beira Mar. Afastou-se dos relvados, após uma longa carreira na arbitragem.

Daniela Sousa Pinto

O gosto pelo futebol manifestou-se muito cedo. Começou a dar os primeiros pontapés na bola quando entrou para a escola primária. «Éramos um grupo de miúdos do bairro da Beira Mar. E jogávamos descalços! Era o nosso divertimento. Não havia alternativa. Havia o jogo da macaca, mas esse era mais para as meninas». Mais tarde, o grupo de rapazes que desde a infância se juntavam para jogar à bola desafiaram a equipa de reservas do Beira Mar. «Nessa altura, o guarda-redes que fazia parte da equipa saiu e eu entrei para substituí-lo. Tinha 19 anos.» No Beira Mar esteve 10 anos. Só saiu do Beira Mar durante o período militar. «Em 1944, joguei no Sporting Elvense. Depois, regressi ao Beira Mar. E no último ano em que joguei fui transferido para o Estarreja, mas não completei a época.» Habitado a jogar no Beira Mar, «um clube com uma certa dimensão, fui para o Estarreja que, por acaso, foi o primeiro contrato que fiz na minha vida, mas vim-me embora. Num jogo,



Época de 1945/46

viraram-se todos à bofetada! Eu não tinha que assistir a uma coisa daquelas! Apanhei o comboio e nem sequer disse mais nada a ninguém. Nunca me chegaram a pagar!» Depois disto, resolveu abandonar o futebol.

"A minha carreira de árbitro terminou no dia 14 de Setembro de 1967"

«Deixar o futebol não foi nada fácil. Mas nunca me afastei totalmente. Assim que deixei as balizas, inscribi-me nos árbitros. E fui árbitro desde a categoria mais baixa até à I Divisão. A minha carreira de árbitro terminou no dia 14 de Setembro de 1967.»

Tem muitas saudades dos seus momentos de jogador. Apesar de todo o sacrifício que os treinos exigiam — às seis e meia da manhã e com direito a banho de água fria —, os seus tempos de juventude deixaram-lhe muitas saudades, mas também muitas coisas boas para recordar. Os balneários eram no parque, na antiga Casa de Chá. Depois, o clube pagava-nos o pequeno almoço na "Primeira de Janeiro". Mas só nos meus últimos anos de carreira é que isto começou a acontecer...» A seguir, cada um à sua para os respectivos trabalhos. Saudades dos momentos e do companheirismo que reinava em toda a equipa. «Éramos uma família. Tanto assim, que, uma vez

fomos fazer um jogo a Lamas e encontramos na estação um rapaz que era amigo de um dos colegas de equipa, que era sargento. Quando soube aonde íamos, ofereceu-se para vir connosco. O campo do Lamas era muito pequeno e perdemos por 9 a 0. O tal senhor que tinha ido connosco, a certa altura passa por trás da baliza e diz-me: "Ó Paula, calma que ainda temos tempo de ganhar isto!" Faltavam 15 minutos para acabar o jogo! Nós nem o conhecíamos, mas havia sempre esta boa disposição e este espírito de alegria...»

«Mas não é só dos pontapés na bola que tem saudade. A arbitragem também lhe reservou muitos e bons momentos.

"Desde as botas aos equipamentos, está tudo diferente"

Para Carlos Paula existem muitas diferenças entre o futebol do seu tempo e o futebol actual. «Agora, as condições são muito sofisticadas. Desde as botas aos equipamentos, está tudo diferente. Não usávamos luvas, mas sim uma espécie de ligaduras para nos protegermos. O terreno era pelado, parecia lisa...» Às custas das condições em que jogávamos, «tive que tirar muitas vezes líquido dos cotovelos!» Mas as mizucas do futebol não se ficaram por aqui. «É preciso não esquecer que, antigamente, o guarda-redes podia ir aos

pés do adversário. Hoje, porque as leis assim o exigem, o guarda-redes não tem tanta possibilidade de se atirar...»

Quanto à corrupção da arbitragem, Carlos Paula tem uma opinião muito diferente da maioria das pessoas. «Fui das pessoas que nunca acreditaram que um árbitro fosse corrupto. Desde os meus princípios de árbitro que se associa o erro à corrupção. Todos nós erramos! E agora ainda acredito menos no errar de propósito.»

"Era importante que se criassem sistemas de pré-reforma"

A equipa do Beira Mar merece toda a consideração de Carlos Paula. «É uma boa equipa e os rapazes são lutadores. Não digo que tenham amor à camisola, porque isso era no nosso tempo, mas têm brio profissional. E não nos podemos esquecer de que um jogador do Benfica ou do Sporting pode custar a estes clubes aquilo que custa toda a equipa do Beira Mar.»

Não aceita de ânimo leve os valores que os futebolistas dos grandes clubes ganham. No entanto, considera que se devia encontrar uma forma de prevenir o futuro destes homens. «A vida de jogador acaba cedo. E aquele que ganha sete mil contos por mês tem a mesma categoria daquele que ganha 700 contos; trabalha tanto um como o outro. Por isso, era importante que se criassem sistemas de pré-reforma para eles.»

**Jogador: Carlos Paula
Posição: guarda-redes
Características: muito duro;
não tinha medo de nada!**



Ora, bolas!

Carlos Paula conta:

«Éramos amadores, jogávamos por caridade e por gosto pelo futebol.»

«O Beira Mar dava 50\$00 por prémios de jogo. Mas, como não tinham dinheiro, não pagávamos! Só recebemos — e foi

uma importância simbólica — quando o Magalhães foi vendido ao Porto.»

«Antigamente, as entradas ao guarda-redes junto à linha de baliza não eram punidas. Hoje, não há contacto entre jogador e guarda-redes.»

«Os campeonatos distritais eram de uma rivalidade tremenda. Antes de chegar

mais, ao campo, já estávamos a apanhar!»

«Uma vez fomos jogar a Viseu. Chegámos ao hotel, deviam ser umas 11 horas da noite. Fizemos tanto barulho, que o gerente ameaçou expulsar-nos! Coisas do rapaziado...»

«Em cada espectador há um treinador e um árbitro.»

Fim-de-semana

Futebol

I Divisão

20ª Jornada (30/1/1999)

Farense / FC Porto

E. Amadora / Chaves

Rio Ave / V. Selúbio

Beira Mar / Benfica

Marítimo / Braga

Guimarães / Salgueiros

Alverca / U. Leiria

Boavista / Campomaior.

Sporting / Académica

II Honra

20ª Jornada (31/1/1999)

Estoril / Espinho

Feirense / Varzim

Lamas / Belenenses

II B

19ª Jornada (31/1/1999)

Cucujães / Ac. Viseu

Ovarense / Oliveirense

Benedictense / Sanjoanense

III - Série C

18ª Jornada (31/1/1999)

Anadia / S. Roque

Tondela / Cesarense

Oliv. Hospital / Oliv. Bairro

Avanca / Mangualde

Valecambrense / Algodres

Tourizense / Mealhada

Esmoriz / Águeda

Campeonato Distrital

I Divisão Honra

Zona Norte

Arouca / Canedo

Milheiroense / Carregosense

Torreia / Soutense

Rio Meão / Real Nogalense

SV Pereira / Argoncilhe

Fajãs / Romariz

Lobão / Estarreja

Zona Sul

Fermentelos / Valonguense

LAAC / Gafanha

Luso / Tampelobense

Paredes do Bairro / Calvão

Pessegueirense / Alba

Ribeira / Oliveirinha

Nege / Oitá

Mourisqueense / E. Azul

Basquetebol

Liga TMN

21ª Jornada (2/2/1999)

Portugal Telecom / Benfica

CAB Madeira / FC Porto

Illiumab / Gualdim Estrelas

Queluz / Figueira Ginásio

Ovarense / Seixal

Montijo / Oliveirense Cacçola

Gala / Aveiro Basket

I Divisão - Zona Norte

17ª Jornada (30/1/1999)

B. Guimarães / Vale Cambra/Porta da

Rosa

Diogo Cão / Sangalhos

Vasco / Gallitos

Andebol

Campeonato Nacional

Não se realizou este fim-de-semana

Hóquei em Patins

Campeonato Nacional

21ª Jornada (2/2/1999)

FC Porto / Sp. Tomar

Barcelhinhas / H. Sinta

Benfica / Paço de Arcos

Infante Sagres / Oliveirense

O. Barcelos / Gulpilhares

Alenquer / Marinheense

II Divisão - Zona Centro

18ª Jornada (30/1/1999)

Escola Livre / Mealhada

Cucujães / Turquel

19ª Jornada (31/1/1999)

Amadora / Escola Livre

Mealhada / Alverca

Físico / Cucujães

Voleibol

Campeonato Nacional - Divisão A1

20ª Jornada (30/1/1999 - última

jornada)

Nacional / Esmoriz

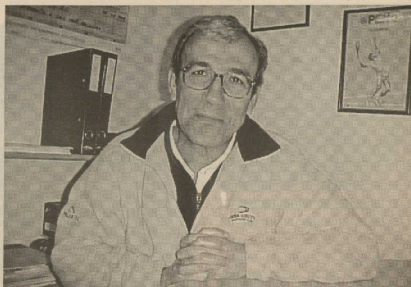
Sp. Espinho / Castelo Maia

Presidente do Clube de Tênis de Aveiro descontente com a Câmara

"Já me apeteceu ir entregar as chaves do Clube"

Os diretores do Clube de Tênis de Aveiro (CTA) estão descontentes com a Câmara Municipal. Mais de um ano depois de se terem manifestado contra a demolição do court nº1 e de terem sublinhado a importância de um court coberto para a prática da modalidade, continuam à espera que os responsáveis da autarquia os recebam. O presidente da Direção do CTA fala de falta de carinho pelo tênis, e diz que já pensou em deixar o Clube.

Marta Reis



«Sem court coberto não é possível praticar tênis»

A necessidade de um court coberto no Clube de Tênis de Aveiro (CTA) tem mobilizado a coletividade no sentido de sensibilizar a Câmara Municipal para a impossibilidade de se praticar a modalidade nos meses em que a pluviosidade é maior. O presidente da Direção do CTA reconhece que possui estas dificuldades mas gostaria que existisse «um relacionamento mais franco». José Carlos Simões não esconde um grande desânimo pelo impasse em que a questão se encontra e diz que, por várias vezes, já lhe apeteceu ir entregar as chaves do Clube. «Só não o fez, porque considera que seria uma «traição». No entanto, já disse que, quando este mandato acabar, em Fevereiro do próximo ano, não se recandidata ao cargo.

O pedido de um court coberto à autarquia é uma reivindicação antiga do Clube de Tênis de Aveiro. José Carlos Simões diz que, após a constituição do CTA, «correu desde logo a pedir-se um court coberto; a Câmara foi prometedora e andamos com promessas há quase 12 anos.

A situação agravou-se quando, «no ano passado, nos desproveram do court nº1, salienta o presidente da Direção.

A funcionário em instalações da Câmara no parque da cidade, o Clube de Tênis de Aveiro encontra-se «um pouco de mãos atadas, totalmente dependente da Câmara», na medida em que não tem património próprio, a não ser o humano», refere José Carlos Simões. «Como tal, não temos possibilidade de obter empréstimos, porque não temos o que hipotecar», sublinha.

Estamos a manter o tênis à margem do lei

Até há pouco mais de ano atrás, o Clube de Tênis de Aveiro funcionava com um protocolo «no qual, uma das cláusulas,

era nós termos quatro courts de tênis. A partir do momento em que a Câmara nos desproveu de um dos courts», relembra José Carlos Simões, «quebrou uma das cláusulas do protocolo que, a partir daí, foi automaticamente denunciado. Portanto, nós estamos neste momento a manter o tênis em Aveiro à margem da lei, porque nem sequer temos um protocolo a funcionar com a Câmara.

Há cerca de nove meses, os responsáveis do CTA entregaram na edilidade uma proposta de protocolo para que a situação fosse regularizada, «mas até hoje não tivemos nenhuma contraproposta da Câmara», refere o presidente do Clube de Tênis. Nessa proposta de protocolo, um dos pressupostos era «a Câmara construir-nos um court coberto, a «velha reivindicação» do CTA.

A proposta de protocolo, de acordo com o presidente da Direção do Clube de Tênis de Aveiro, «foi baseada em algumas conversas com a vereação e em algumas promessas, verbais, é que o court estaria pronto em Outubro do ano passado. Passados três meses, «não está sequer começado e julgo que nem há certeza do sítio onde vai ser», refere José Carlos Simões, «penso que a Câmara tem ideias e projectos para fazer algo pelo tênis de Aveiro, porque acho uma insensatez o que está a fazer neste momento».

Para além da construção do court coberto, o Clube de Tênis apresentou à autarquia uma proposta para cedência dos campos situados na Baixa de Santo António, que são da Câmara. Até agora, José Carlos Simões diz que não houve resposta da autarquia. Caso os courts da Baixa de Santo António fossem cedidos ao CTA, era intenção dos responsáveis pelo Clube transferir a escola para essa zona, o que permitiria haver mais espaço para a prática da modalidade. «Nós pretendíamos usar um court de manhã ou à tarde e que a Câmara nos desse os campos em condições normais porque não temos dinheiro

e o único subsídio que temos é de 100 contos por mês, da autarquia», sublinha José Carlos Simões.

Responsáveis do CTA à espera de reunião com a Câmara

O orçamento de 12 milhões de contos da Câmara Municipal de Aveiro decide em José Carlos Simões a esperança de que algo seja feito em prol do tênis. «Até agora não foi dito nada», refere o presidente da Direção do CTA, «mas «somos falar na construção de dois courts de tênis junto ao pavilhão dos Galitos. Não temos nada contra isso, mas achamos que é um mau investimento; as estruturas precisam de manutenção, de guarda, porque senão vai acontecer o mesmo que na Baixa de Santo António, onde os campos de tênis estão completamente vandalizados».

Nas duas reuniões que os responsáveis pelo Clube de Tênis de Aveiro tiveram com o vereador do Desporto, «não se resolveu nada das coisas que achamos importantes», adiantou José Carlos Simões. Como tal, a Direção do Clube resolveu pedir uma audiência ao presidente da Câmara. Um pedido que remonta já a Novembro, de acordo com o presidente da direcção do CTA e que esteve agendada já por duas vezes, «mas foi marcada de véspera. Dissemos ao sr. presidente que queremos uma reunião onde possamos apresentar as coisas com calma e tranquilidade e estamos à espera que nos la marquem».

Na campanha eleitoral de Alberto Souto, José Carlos Simões assistiu à reunião em que o agora presidente da Câmara «manifestou a intenção de proteger o desporto de lazer, um pouco em desfavor do desporto profissional». Mas, o que os responsáveis pelo CTA têm constatado, é que «o basquetebol e o futebol foram, sem dúvida nenhuma os beneficiados por esta «vejeção», refere José Carlos Simões, e «vão isto com desagrado».

Mitsubishi lançou monovolume

Space Star de segurança e economia

Space Star é a nova "menina dos olhos" da Mitsubishi. Trata-se de um monovolume com motor GDI (Gasoline Direct Injection) e carroçaria compacta com perfil semi-elevado, o que proporciona grande economia e o máximo aproveitamento de espaço.

A Corvato, concessionário da marca nipônica para os concelhos de Aveiro, Vila Verde, Vagos, Mira, Oliveira do Bairro, Anadia e Agueda apresentou a Space Star no passado fim-de-semana, numa sessão que contou com a realização de um *test-drive*.

Disponível apenas na versão 1.3 a gasolina, o monovolume da Mitsubishi está equipado com todos os requisitos de segurança necessários, de que são exemplo o habitáculo reforçado, arabs e um sistema anti-afreio nos vidros eléctricos e no tecto-abridor.

O motor GDI permite a economia de um motor a diesel, ao mesmo tempo

que produz uma potência superior à de um motor de gasolina convencional. Os dois modos operacionais deste sistema inovador, permitem uma adaptação automática ao tipo de percurso, alterando dos tempos de injeção na condução em auto-estrada ou no trânsito cittadino.

A cabina ergonómica deste monovolume permite uma posição de condução confortável e, ao mesmo tempo, segura. O sistema de navegação digital utiliza uma base de dados em CD-Rom, interligado com um posicionamento via satélite, permitindo um contacto fácil e atualizado de todas as informações importantes para o melhoramento da condução.

Com 90cv de potência, o Space Star atinge uma velocidade máxima de 170 Km/h, conseguindo uma aceleração dos 0 aos 100 km, em 13,4 segundos. Os consumos de combustível variam entre os nove litros em cidade e os 6,8 em condi-



Space Star: por enquanto só a versão 1.3

binado; em estrada o consumo situa-se nos 5,6 litros.

O monovolume, que pode ser usado como simples multi-usos ou como veículo familiar, está disponível nas cores Haag Silver, Liège Green, Vénica Turquoise,

Shining Red, Ionía Blue, Scandinavia Blue, Moritz White e Frieze Gold.

A versão 1.8 do Space Star ainda não é comercializada em Portugal, estando previsto que chegue ao mercado nacional ainda em Abril deste ano.

Continuação da pág. 13

em expor os seus problemas. Por outro lado, são as mulheres que representam o maior número de vítimas, como é o caso dos maus tratos, violações, etc.

«Era importante termos uma linha verde, mas isso ainda não foi possível. No entanto, a pessoa pode pedir que a contactem, que nos telefonamos».

As chamadas variam muito de mês para mês, de período para período. «Há meses, em que recebemos muitos telefonemas; há outros em que recebemos poucos. Por exemplo, este mês estamos a receber muitos telefonemas e poucos contactos pessoais», afirmou Ana Castro Sousa.

Violência Doméstica - 0800202148

A Comissão Para a Igualdade e Direitos da Mulher tem em funcionamento,

desde 12 de Novembro de 1998, uma linha verde de apoio à mulher vítima de maus tratos. Está disponível das 9 às 12:30 e das 14 às 17:30 horas, nos dias úteis. A intenção é de que venha a funcionar 24 horas por dia, mas por enquanto esta realidade não é possível.

Desde a sua entrada em funcionamento até ao dia 31 de Dezembro, recebeu 278 chamadas. A grande maioria referem-se a casos de violência (79,5%). Também receberam telefonemas de alguns irresponsáveis (14,4%), e outros que não estão relacionados com a violência (6,1%). De Lisboa, recebem a grande maioria dos telefonemas. Seguem-se o Porto e Sintra. Curiosamente, da cidade de Aveiro, até à data deste trabalho, não tinham recebido nenhum telefonema.

A grande maioria dos telefonemas denunciam situações de agressão física (67,2%), seguindo-se a agressão psicoló-

gica (26,2%) e a sexual (6,6%). A maior parte das apelantes são casadas (162 casos), seguem-se as que vivem em união de facto (37) e as solteiras (13). O agressor é na maior parte das vezes o marido (155 casos), seguindo-se o companheiro (37). Mas também existem denúncias contra pais, filhos, desconhecidos, ex-maridos, namorados, etc.

Quando as mulheres telefonam, procurar ajuda, uma palavra de conforto, porque se encontram numa situação emocional bastante fragilizada, e informações sobre as formas de actuar. Os voluntários que atendem o telefone - com formação ao nível da psicologia, direito e serviço social -, fazem aconselhamento e encaminharam as vítimas.

S.O.S. Racismo - 01-8153207

A linha S.O.S. Racismo é mais uma

das iniciativas desta organização sem fins lucrativos e não governamental, que procura alertar e educar as pessoas para o problema do racismo e da xenofobia. Funciona todos os dias úteis das 10 às 18 horas e tem como objectivo a denúncia de casos de racismo. As pessoas que telefonam falam das suas experiências e procuram informar-se sobre as formas de actuar. «Ainda existem muitas vítimas de racismo em todo o mundo, e Portugal não é excepção», explicou Manuela Tavares uma das voluntárias.

Na maioria os telefonemas são feitos por homens vítimas de agressão física.

O custo de uma chamada para esta linha é ao preço normal. «Tivemos uma linha verde, mas acabou o apoio da Portugal Telecom, acabou a linha», afirma Manuela Tavares.

Classificados

ALUGA-SE

QUARTO, individual, com cama de casal e serventia de cozinha. Rua Abel Ribeiro, 34 Rossio. Contacto: Tel. 034-3811922

QUARTO, individual, no centro da cidade, com óptimas condições. Contacto: Tel. 034-22654/Tlm. 0931-9393328

QUARTOS, e estudantes; Localização: zona velha da cidade (Beira Mar). Contacto: Utopia Bar. Tel: 034-383165 (a partir das 15h) /Tlm. 0938-942264

DUPLEX, e rapazes; na rua Mário Sacramento, 153, 3ºR; Contacto: Tel. 034-25012

VENDE-SE

LAND ROVER Discovery 25 Td; 7 lugares; Dez/74; 53.000 Km; Contacto: 034-644994 ou Tlm. 0933-9718229

BARCO DE RECREIO Cabinado; Compr. 5m; Motor Mecurc 115 HP; Outboard / 80 HP; Alabado; Contacto: 034-644994 ou Tlm. 0933-9318229

COMPUTADOR Apple Macintosh LC II + Impressora Sylewriter (Bom preço) - Resposta a este Jornal ao nº00153

COMPRA-SE

COMPUTADOR Apple Macintosh Color Classic - Resposta a este Jornal ao nº00152

PRECISA-SE

TÉCNICOS COMERCIAIS, empresa em expansão; bom ambiente de trabalho em equipa jovem e dinâmica - Resposta a este Jornal ao nº00152

ARDINAS para distribuição e propaganda, Boas condições. Contacto: Tel. 094-333787

ENSINO

EXPLICAÇÕES de matemática por professora licenciada, e 7º, 8º e 9º ano; métodos quantitativos 10º e 11º ano. Contacto: Tel. 034-381645

EXPLICAÇÕES de português e latim, até ao 11º ano. Contacto: Tel. 034-23890

EXPLICAÇÕES, de alemão; Contacto: Tel. 034-20357

EXPLICAÇÕES de biologia, 12º ano. Ciências da Terra e da Vida - 10º e 11º ano; Ciências Naturais 7º e 8º ano; Contacto: Tel. 034-315642

SE O TEMPO TE ESCAPA, E VÊS TANTO POR FAZER, CONTA COMIGO, EU AJUDO!

PASSO OS TEUS TRABALHOS A COMPUTADOR. Contacto: Tel. 034-381369 ou Tlm. 0936-2874951

RÁDIO TERRA NOVA

FM 105

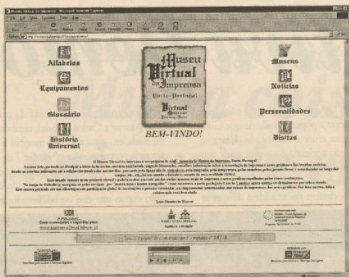
Museu Virtual revela história da Imprensa

Internet

A Associação Museu da Imprensa, do Porto lançou-se na Internet com um projecto que pretende dar a conhecer a história da imprensa.

O Museu Virtual, que pode ser encontrado em <http://www.inmultimedia.pt/museuvirtpress>, tem como objectivo principal divulgar a história da imprensa, ao mesmo tempo que se preocupa em mostrar o património, sugerir itinerários, recolher informação sobre a museologia da imprensa e artes gráficas. Para além disso, a Associação Museu da Imprensa tem ainda a preocupação de, no site, dar e receber notícias.

Sem esquecer o elemento fundamental da imprensa, a escrita, o Museu Virtual dá-nos a possibilidade de conhecer a evolução, através dos tempos, de várias escritas, em textos explicativos sobre a forma como surgiram e o seu desenvolvimento. Neste âmbito, a informação encerra ainda pormenores sobre diversos alfabetos, tais como o etrusco, tibetano, ou a língua avesta.



Um conjunto de links, dá-nos a conhecer todas as informações importantes sobre o mundo paralelo à imprensa, que a faz funcionar e que, com ela, tem vindo a evoluir consideravelmente através dos anos. Para que os mais distraídos não se percam no tempo, o Museu Virtual disponibiliza uma cronologia, composta por cerca de 70 palavras, que dá vida a uma história

de palavras, criada pelas mãos de Gutenberg.

Museus e Notícias são dois dos links a ter em conta nesta viagem pela história da imprensa. O primeiro, permite-nos aceder às moradas dos principais museus espalhados pelo mundo, enquanto que o links Notícias, nos dá a conhecer as exposições que estão patentes ao público em diversos museus.

Cinema

Estúdio 2002

(de 29 de Janeiro a 4 de Fevereiro)

"Instantes Decisivos" (M12)

Estúdio Oito

(de 29 de Janeiro a 4 de Fevereiro)

"Lado a Lado" (M12) - Um filme de Chris Columbus; Actores: Julia Roberts, Susan Sarandon, Ed Harris

(14.30h, 16.30h, 18.30h, 21.45h)
Este filme conta a história de duas mulheres corajosas, que se encontram aparentemente em lados opostos. No entanto, vão ser "obrigadas" a encontrar um ponto de ligação por causa das crianças que querem ajudar. Entretanto, Jackie descobre que tem uma doença incurável e, também, que o seu marido tem uma ligação com Isabel.

"O Regresso do Soldado Ryan" arrebatou dois Globos de Ouro



"O Regresso do Soldado Ryan" conquistou o Globo de Ouro na categoria de melhor drama do ano. A Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood premiou também o trabalho de Steven Spielberg, realizador desta película.

Na categoria de comédia, Shakespeare in Love arrebatou três galardões, por além de melhor filme, esta película conquistou ainda o prémio para a melhor actriz de comédia musical, e melhor música original.

"Central Station", uma produção brasileira, foi galardoada com o Globo de Ouro para melhor filme estrangeiro. Nas categorias de cinema, foram ainda distinguidos o filme "Titanium Show", e os actores Jim Carrey e Ed Harris.

No que concerne a séries televisivas, "The Practice", realizada por David E. Kelly, arrebatou o Globo de Ouro na categoria de drama, tendo o seu protagonista, Dylan McDermott, conquistado o prémio de melhor actor dramático.

"Ally McBeal", série criada também por David E. Kelly, conquistou o Globo de Ouro na categoria de comédia.

Esta 56ª edição dos Globos de Ouro distinguindo ainda, na secção de televisão, nomes consagrados como Michael J. Fox, Tom Hanks, Faye Dunaway e Gregory Peck.

Música

Sonic Youth e REM na Aula Magna e no Pavilhão Atlântico

Cardigans actúan em Portugal em Abril

O grupo pop suéco Cardigans, actua dia 21 de Abril na Sala Tejo do Pavilhão Atlântico, em Lisboa. Os Cardigans vêm apresentar o seu novo álbum, "Gran Turismo".

Entretanto, estão já agendados alguns concertos para este ano em Portugal. Chico César vai estar cá nos dias 13 e 14 de Fevereiro, onde actuará no Centro Cultural de Belém (CCB), no "Festnia" (World Music Festival). Neste festival participaria ainda Herminia/Lura/Tito Paris (18 e 19 Fevereiro) e Alan Stivell (25 de Fevereiro).

A Aula Magna (Lisboa) recebe no dia 19 do próximo mês, os Sonic Youth. Em Março, os Silence 4 actuam no Festival de Interiores, no CCB (dia 13) e os Fun lovin' Criminals, no Coliseu (Lisboa).

Bob Dylan actua, este ano, duas vezes em Portugal: a primeira no Pavilhão Atlântico, em Lisboa, a 26 de Março, e cinco dias mais tarde, no Coliseu, no Porto.

Nos dias 9 e 10 de Abril, o Centro Cultural de Belém recebe dois espec-



táculos de Fausto. No final do mês, dias 20 e 21, cabe às Três Tristes Tigres animar o CCB.

Para Junho estão já agendados dois concertos "de peso", um dos quais de Suzanne Vega, que actua no dia 15, no Centro Cultural de Belém. A actuação dos REM no Pavilhão Atlântico, em Lisboa, ainda não tem dia definido, no entanto, tudo aponta para que a banda de Michael Stipe se desloque a Portugal nos dias 18 ou 19, para apresentar o seu novo álbum, "Up". A



data certa do concerto está dependente da decisão do grupo, de iniciar a digressão europeia em Portugal ou em Espanha.

É a primeira vez que os REM actuam em Portugal, depois de um concerto no dia 20 de Agosto de 1995, no estádio de Alvalade, ter sido cancelado em consequência de doença do baterista Bill Berry.

Michael Stipe e Peter Buck, dois dos principais membros dos REM, estiveram em Portugal no final da década de 80 em visita de promoção, tendo então sido entrevistados no programa da RTP "Vivamúsica".



Europeias em pano de fundo

Ano D da Alternativa Democrática

Paulo Ravara

Politicamente, 1999 fica, desde já, marcado pelo aparecimento da Alternativa Democrática. Os dados estão lançados, mas falta ainda saber se a aliança entre o PSD e CDS - PP se irá traduzir numa única lista já nas eleições europeias. Primeiro, os dois partidos terão de apresentar ao eleitorado um denominador comum em matéria de pensamento europeu, sendo por demais conhecidas as diferenças que os separam.

Até que Marcelo e Portas venham anunciar o contrário, ou pelo menos a selar um acordo inquestionável sobre a participação de Portugal na construção europeia, a AD ainda está longe das "europeias". Marcelo Rebelo de Sousa pretende clarificar esta matéria antes do congresso do PSD, como já o disse. Do lado dos populares, há, no entanto, quem prefira esconder o jogo até depois da reunião magna do PS, e esta semana, a direção do partido chegou a anunciar que tem em sua posse indicações que dão ao PP vantagem em concorrer com uma lista própria. Nas últimas eleições, os populares conseguiram eleger três deputados ao Parlamento Europeu. O mesmo número de lugares ilegíveis será, no mínimo, a base de partida das eventuais negociações para a formação de uma lista comum.

À medida que se aproximam as eleições europeias vão-se aproximando do fim os mandatos dos dois deputados europeus de Aveiro, Carlos Candal e Gírio Pereira. Nenhum dos dois sabe se regressará ou não a Bruxelas. Ao que apurámos, Gírio Pereira ainda não foi abordado pela direcção nacional do CDS-PP estando a aguardar que o chamem ao Largo do Caldas. O histórico autarca aveirense nunca esteve muito próximo da liderança de Paulo Portas, apesar de ambos terem obtido bons resultados nas últimas eleições

europeias. Os mentores da AD não deverão desprezar a popularidade de que Gírio Pereira goza entre o eleitorado. Resta saber se Gírio aceitará o convite para concorrer novamente. É que já por mais do que uma vez o ex-presidente da Câmara de Aveiro, deixou no ar a ideia de que es-

taria a preparar a sua retirada da política.

Quanto a Carlos Candal, também não há nada em concreto. As moções a apresentar ao congresso "nos" de 6 e 7 de Fevereiro, prendem, por agora, as atenções dos socialistas. Carlos Candal tem sido apontado como um dos eurodeputados que o

partido faz tentações de substituir nas próximas eleições. Uma informação a que o presidente da Federação de Aveiro do Partido Socialista não dá nenhum crédito. José Moita diz que «não está nada decidido», acrescentando que «a federação tudo fará para que Candal continue no Parlamento Europeu».



Marcelo e Portas: a AD em movimento

AD: PSD e PP condenados ao entendimento em Aveiro

A formalização da AD foi antecidida, em Aveiro, de algumas provocações entre social democratas e populares sempre que o tema de conversa foi a partilha de lugares numa futura lista para as eleições legislativas. Em períodos de eleições autárquicas, a convivência entre os dois partidos nunca foi pacífica. No quadro da Alternativa Democrática, o PSD não hesitará em puxar dos galões para exigir os lugares cimeiros, mas o PP também não descarta a possibilidade de vir a apresentar um triunfo chamado Paulo Portas para encabeçar a lista da AD pelo círculo eleitoral de Aveiro. Por agora, a

única certeza é a de que, de cedência em cedência, as respectivas comissões políticas distritais estão condenadas a entender-se.

Castro Almeida, líder do PSD Aveiro, já disse que as formas de participação dos dois partidos será estudada após o congresso, e nada mais adiantou no final do encontro que reuniu no passado fim de semana dirigentes, deputados e presidentes de câmara eleitos pelo PSD; uma reunião durante a qual foi debatida a primeira contribuição a nível local para a AD, a realização de oito encontros sectoriais sobre os temas mais relevantes

para o distrito. Os social democratas aveirenses estão empenhados em pôr uma marca nas linhas programáticas do discurso da Alternativa Democrática, anunciando uma grande abertura à sociedade civil. Os independentes vão ser figura de cartaz destes "Estados Gerais" da AD. Com alguma expectativa aguarda-se o primeiro encontro entre Castro Almeida e Ferreira Ramos. Aquela que será a primeira cimeira distrital da AD ainda não tem data marcada. O frente a frente só deverá acontecer depois do congresso "lananja", marcado para os dias 19 e 20 de Fevereiro.

Deputados do PP querem alterar Lei

A bancada do Partido Popular na Assembleia da República está a preparar um conjunto de iniciativas com o objectivo alterar a legislação em vigor sobre a Reserva Ecológica Nacional.

Nesse âmbito, um

grupo de deputados do PP esteve esta semana em Vagos, um dos concelhos mais limitados em termos de área de urbanização disponível. O presidente da câmara, Carlos Bento, defende que o desenvolvimento do município

corre o risco de ser eternamente adiado enquanto não houver uma flexibilização da lei que determina as áreas protegidas como Reserva Ecológica Nacional (REN) e Reserva Agrícola Nacional (RAN). Na verdade, es-

tima-se que 88% do território do concelho de Vagos seja incluído por estar dentro do perímetro destas reservas.

Também os parlamentares do PP classificam a actual lei de irrealista. «Demasiado proibitiva tornando a clandestinidade apeteçada», referem. Para os populares, a lei pode ser alterada sem pôr

em causa o património natural do território.

No fim desta visita, os deputados ficaram totalmente convencidos da justiça das reivindicações da Câmara de Vagos que, insistentemente, tem vindo a pedir, sem sucesso, a desafectação de parte da área abrangida pela REN.

O deputado Rui Mar-

ques também condenou a demora na apresentação de resultados por parte da comissão encarregue de estudar o problema, depois do Governo ter reconhecido que a legislação é demasiado restritiva. «Parece que já é tempo que chegue e que baste para apresentar resultados», desabafou o deputado.